

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

**PROJETO PEDAGÓGICO**

**CURSO DE MUSEOLOGIA**

PELOTAS, 2009

## SUMÁRIO

<b>1- CONCEPÇÃO.....</b>	<b>4</b>
<b>2 – PERFIL DO CURSO.....</b>	<b>6</b>
<b>3 – JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>8</b>
<b>4 – UNIDADE METODOLÓGICA.....</b>	<b>9</b>
<b>5 – SISTEMA DE AVALIAÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>6 – PERFIL DO PROFISSIONAL EGRESSO.....</b>	<b>18</b>
<b>I – QUANTO À COMPETÊNCIA PROFISSIONAL.....</b>	<b>18</b>
<b>II – QUANTO À CAPACIDADE DE ARGUMENTAÇÃO.....</b>	<b>18</b>
<b>III – QUANTO AO MERCADO DE TRABALHO.....</b>	<b>19</b>
<b>IV – QUANTO AO APERFEIÇOAMENTO PROFISSIONAL.....</b>	<b>19</b>
<b>7 – COMPETÊNCIAS E HABILIDADES.....</b>	<b>22</b>
<b>8 – ACOMPANHAMENTO DE EGRESSOS.....</b>	<b>24</b>
<b>9 – ORGANIZAÇÃO CURRICULAR.....</b>	<b>26</b>
<b>I – FORMAÇÃO ESPECÍFICA.....</b>	<b>28</b>
<b>II – FORMAÇÃO COMPLEMENTAR.....</b>	<b>90</b>
<b>10 – ESTÁGIO CURRICULAR.....</b>	<b>114</b>
<b>11 – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC).....</b>	<b>116</b>
<b>12 – ANEXOS.....</b>	<b>118</b>
<b>I – GRADE CURRICULAR DO CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA.....</b>	<b>119</b>

<b>II – FLUXOGRAMA DO CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA.....</b>	<b>127</b>
<b>III – FORMULÁRIO-ESTÁGIO: PLANO DE TRABALHO.....</b>	<b>128</b>
<b>IV – FORMULÁRIO-ESTÁGIO: AVALIAÇÃO.....</b>	<b>131</b>
<b>V – TERMO DE COMPROMISSO DE ORIENTAÇÃO.....</b>	<b>134</b>

# PROJETO PEDAGÓGICO

## CURSO DE MUSEOLOGIA

### CONCEPÇÃO

---

O projeto Pedagógico do Curso de Museologia foi formulado para ser um instrumento norteador do saber /fazer acadêmico e primeiramente concebido pela Comissão de Criação do Curso, ao longo dos estudos para a elaboração da proposta. Tendo como eixo norteador a indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, esse projeto visa orientar as ações didático-pedagógicas que resultarão na formação do profissional museólogo.

Foi no conjunto de observações e reflexões sobre os desafios contemporâneos de um museólogo, sobre o papel que se espera que exerçam os museus na sua relação com a sociedade, sobre as novas expressões que adquirem essas instituições que a muito deixaram de ser apenas locais do exótico e do raro, que se elaborou esse conjunto de premissas que pretendem orientar, como uma matriz de pensamento, o Curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas.

Deste projeto fazem parte não só as atividades em sala de aula, entre professor e aluno, refletindo uma idéia coletiva do que é ser museólogo numa sociedade como a brasileira, mas também a organização global do Curso: estrutura administrativa, biblioteca, reuniões de departamentos e do Conselho Departamental, ações de extensão, eventos museais e sócio culturais, palestras, seminários e todas as ações que determinem a formação pretendida, profissional e ética, para o museólogo.

Este projeto prevê, também, as relações entre o trabalho pedagógico do Curso, da Unidade no qual está inserido, da Universidade com a forma de organização da sociedade. Isto porque a organização de um projeto pedagógico se dá no interior de um contexto social historicamente determinado, refletindo, sem dúvida o tipo de sociedade a que pertence, os valores culturais que ali estão dispostos e as demandas dessa sociedade para a Universidade que a representa.

A finalidade desse projeto é a formação de um museólogo comprometido com a construção do conhecimento, atento e sensível ao trabalho com valor social, e que possa desenvolver uma prática refletida na teoria. Um profissional cujo trabalho seja reconhecido pelo coletivo da instituição e pela sociedade.

---

## PERFIL DO CURSO

---

A elaboração do Curso de Museologia fundamentou-se sobre o reconhecimento da profissão de Museólogo que se deu em 1984 pela elaboração e aprovação da Lei n.º 7.287, de 18 de dezembro de 1984, lei que foi regulamentada pelo Decreto n.º 91.775, de 15 de outubro de 1985, criando o Conselho Federal de Museologia (COFEM) e os Regionais de Museologia (COREM) com a finalidade de exercerem fiscalização sobre o exercício da Museologia, incidindo tanto sobre o profissional museólogo, quanto sobre a instituição museal.

A estrutura curricular do Curso de Museologia<sup>1</sup> é composta por disciplinas e atividades que são enquadradas como:

- (1) Disciplinas Obrigatórias ..... 2.618 h
- (2) Disciplinas Optativas.....952 h (somando o total de todas)
- (3) Atividades Complementares.....200 h ( no mínimo)
- (4) Formação Livre

A soma da carga horária dessa estrutura totaliza 3.770h.

O aluno deve cursar 7,5% da carga horária total de disciplinas obrigatórias em disciplinas optativas.

A modalidade do Curso de Museologia é presencial e o regime acadêmico adotado é semestral, com ingresso anual.

O número de vagas para ingresso no curso é 30.

O turno de funcionamento do Curso é diurno.

---

<sup>1</sup> Ver o detalhamento no item 9 deste Projeto Pedagógico de Curso.

O número de semestres do curso é 8 – somando um total de 4 anos. O número máximo de semestres que poderá ser cursado é de 12, totalizando o limite de 6 anos.

A titulação conferida será de Bacharel em Museologia.

Ato de autorização do curso: Portaria nº 1158, de 21 de agosto de 2006.

---

## JUSTIFICATIVA

---

Desde sua criação em 2006 até o atual momento, o Curso de Museologia vem refletindo uma realidade social que embora seja uma tendência que vanha cada vez mais se consolidando em todo ocidente moderno, no contexto da cidade de Pelotas e regiões vizinhas é um fenômeno evidente: a urgência quanto às questões relativas à preservação do patrimônio e suas implicações nos quadros de construção de memória, seja social, coletiva ou individual. No campo museológico, Pelotas está situada na chamada 7ª Região Museológica, categoria de delimitação geográfica proposta pelo Sistema Estadual de Museus- SEMRS. Constam formalmente registradas nessa região, mais de 60 unidades museológicas que abrangem praticamente todas as tipologias de museus, como os históricos, ecomuseus, militares, ciências naturais, tecnológicos, etc. Esses espaços de salvaguarda da memória serão, certamente, um dos mais beneficiados pelo Curso de Museologia da UFPel, uma vez que, tendo o profissional Museólogo que se ocupa do museu como um todo, em suas funções de comunicação com a sociedade, possibilita-se assim a adequação das mais diversas práticas museais.

Segundo perspectivas conceituas e epistemológicas do campo, em consonância ainda com as características específicas histórico-contextuais da própria área geográfica em que se encontra estabelecido, o Curso de Museologia vem consolidando mais do que um diálogo, uma participação efetiva e transformadora na região. A criação deste curso veio para responder uma determinada expectativa da comunidade, e por outro lado, ele próprio vem se construindo intelectual e estruturalmente a partir de uma relação simbiótica com a sociedade local. Esta troca, ou como poderíamos mesmo chamar de “movimento de retroalimentação” é fundamental para caracterizar e demonstrar – indo além do conceito de rede – uma permanente relação sistêmica na qual estejam garantidas trocas dinâmicas e equitativas de informação e experiências.

## UNIDADE METODOLÓGICA

---

Para evitar a fragmentação do ensino dos conteúdos acadêmicos em metodologias específicas, propõe-se uma metodologia integrada e uma concepção de prática pedagógica na perspectiva da construção do conhecimento.<sup>2</sup>

A metodologia integrada nasce de uma proposta de interdisciplinaridade<sup>3</sup>, uma conjunção de diferentes disciplinas curriculares, que pressupõe uma reconfiguração da concepção do saber e uma reformulação na estrutura pedagógica do ensino.

A interdisciplinaridade é aqui entendida como uma prática de negociação entre pontos de vista, projetos e interesses diferentes. O trabalho interdisciplinar supõe uma interação das disciplinas, uma interpretação, indo desde a simples comunicação de idéias até a integração mútua dos conceitos, da epistemologia e da metodologia. A interdisciplinaridade se impõe como um princípio de organização do conhecimento.

A interdisciplinaridade permite a abertura de um novo nível de comunicação, concretizado através da articulação dos saberes, que podem ser assim entendidos:

- **Conhecimento sistematizado:** aquelas formulações consideradas válidas pela epistemologia, com base no método científico, que formam um corpo de conceitos, organizados e teorias bem definidas e, ainda, aqueles organizados por diferentes disciplinas no campo das artes, das humanidades etc.
- **Saber cultural:** formas de conhecimento, como os chamados cotidiano, leigo, tradicional ou empírico, em uma dada cultura que apresentam níveis variados de elaboração, provenientes da mídia, da política, de regionalismos e de outros lugares.

---

<sup>2</sup> BIASOLI, Carmen Lúcia Abadie. **A formação do professor de arte: do ensaio...À encenação.** Campinas:Papirus,1999, p.204.

<sup>3</sup> PENIN, Sonia T. de Sousa. **A aula como espaço de conhecimento, lugar de cultura .**Campinas, Papirus,1994, p.21-28

O Museu como espaço de reflexão e prática só pode ser amplamente abordado se o compreendemos como vascularizado por conceitos e ações das várias áreas do conhecimento. Impossível apreendê-lo se desconsideramos que é uma manifestação cultural, histórica, científica, na qual incidem práticas de áreas como Comunicação, Informática, Arquitetura, Cenografia, além daquelas que estão em sua própria origem, quais sejam, a conservação, a pesquisa, a comunicação.

O Museu, ele próprio refletindo vários discursos, vários patrimônios e várias memórias<sup>+</sup>, deve ser compreendido como uma estrutura multifacetada para a qual concorrem as diferentes áreas de conhecimento e visões do cenário museal.

O Curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas foi concebido nessa matriz interdisciplinar, tendo sempre em consideração que não basta apontar para diferentes áreas como vetores que atravessam o objeto, mas que se interceptam e dialogam entre si, construindo novos saberes e novas abordagens sobre o real.

---

<sup>+</sup> CHAGAS, Mario. Memória política e política da memória IN: ABREU, Regina, CHAGAS, Mario (orgs.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

## SISTEMA DE AVALIAÇÃO

---

A avaliação é parte integrante do processo de formação, uma vez que possibilita diagnosticar questões relevantes, aferir os resultados alcançados considerando os objetivos propostos e identificar mudanças de percurso eventualmente necessárias.

Considerando que o processo de formação deve garantir o desenvolvimento de competências profissionais e que isso não depende somente da aula dada, mas sim de uma articulação entre disciplinas ministradas e sala de aula, aluno, professor, estrutura organizacional e projeto pedagógico, a avaliação destina-se à análise da aprendizagem dos futuros museólogos, favorecendo seu percurso e regulando as ações de sua formação, porém também está voltada para o constante processo de (re)estruturação do projeto pedagógico e do ambiente de ensino. Não se presta a punir os que não alcançam o que se pretende, mas ajudar cada aluno a identificar melhor suas necessidades de formação e empreender o esforço necessário para investir no próprio desenvolvimento profissional.

Objetivamente, apontamos que os processos de avaliação desenvolvidos junto ao Curso de Museologia, estão voltados para o ensino e a aprendizagem, para o ambiente de ensino, e para o próprio Projeto Pedagógico do curso. Estas três instâncias não estão dissociadas, e quando bem relacionadas, somente vêm a potencializar a formação do aluno, aquilo que é o objetivo principal de toda nossa estrutura de ensino.

### **Avaliação dos processos de Ensino e Aprendizagem.**

A avaliação dos alunos será feita de acordo com o regimento da Universidade Federal de Pelotas e suas determinações quanto a número de presenças em sala de aula, faltas, notas mínimas, número de avaliações, dentre outros critérios.

No entanto, deve-se ressaltar que a avaliação já é iniciada no processo de estudo e formação, pois o acompanhamento dos alunos deverá ser constante e resultar na constatação de dúvidas e conhecimentos que se desenvolvem ou apresentam em sala de aula.

A avaliação com o uso de provas, exercícios, além de projetos e outras maneiras de avaliar os conhecimentos assimilados pelos alunos, será realizada com a atribuição de nota constituída em grau numérico, variando entre o mínimo de 0 (zero pontos) e o máximo de 10 (dez pontos). O aluno atingirá média satisfatória para cada disciplina, quando obtiver média semestral igual ou superior a 7 (sete pontos). O aluno sofrerá reprovação, sem a possibilidade de realizar exame final, caso o valor da média semestral seja inferior a 3 (três pontos). Todos os alunos que obtiverem média semestral entre 3 (três) e 6,9 (seis números inteiros e nove décimos) terão direito a realização de um exame final. A média final que resultará da prova de exame final, será o resultado da média entre a nota total do semestre e a da prova final, quando ambas, somadas e divididas pelo número 2 (dois), deverão resultar em uma nota com no mínimo 5 (cinco) ou mais pontos, para aprovação do aluno. O aluno que obtiver média final de 4,9 (quatro pontos e nove décimos), ou menor, será reprovado.

Como a atuação do museólogo é de natureza multidisciplinar, avaliar as competências profissionais no processo de formação é da mesma forma, uma tarefa diversificada. As competências para o trabalho coletivo têm importância igual à das competências mais propriamente individuais, uma vez que é um princípio educativo dos mais relevantes e, portanto, avaliar também essa aprendizagem é fundamental.

Embora seja mais difícil avaliar competências profissionais do que assimilação de conteúdos convencionais á muitos instrumentos para isso. Nesse sentido, apesar da aplicação de provas ser um método mais recorrente, o curso sempre que possível irá também se valer de outros métodos para a avaliação do aluno. Seguem, então, algumas possibilidades:

- Realização de exercícios de reflexão que se dão por meio de métodos de avaliação, previamente agendados ou não.

- Produção intelectual realizada a partir de pesquisa quantitativa ou qualitativa, empírica ou teórica, realizada de acordo com a especificidade do trabalho e do assunto proposto.

- Avaliação por meio de testes ou provas específicas.

- Análise com apresentação de parecer sobre trabalho desenvolvido em atividade em sala de aula ou em atividade extraclasse.

Seja quais forem os métodos utilizados nos processos de avaliação dos alunos, eles deverão obedecer aos parâmetros de pontuação solicitados pela Universidade Federal de Pelotas.

Quanto a frequência às aulas, independentemente dos demais resultados obtidos, é considerado reprovado na disciplina o aluno que não obtenha frequência de, no mínimo, 75% (setenta e cinco por cento) das aulas e demais atividades programadas.

### **Avaliação do ambiente de ensino e aprendizagem.**

É o instrumento que busca a valorização do ensino, do aluno, e do profissional docente, assim como toda a estrutura que estiver relacionada ao curso, tendo como objetivo maior, a realização de uma formação com qualidade. O Projeto Pedagógico do curso deve sempre ser uma ferramenta de primeira mão, para qualquer forma de avaliação institucional que venha a se realizar, junto ao Curso de Museologia.

Considera-se fundamental a elaboração pelo Colegiado do Curso, de um modelo permanente de avaliação a ser implementado entre os discentes e docentes e, pelo qual, os mesmos possam refletir sobre o funcionamento global do curso, avaliando quesitos como

o espaço do ensino e suas condições de ensino-aprendizagem, o setor de Bibliotecas, os serviços referentes a aspectos de atendimento ao aluno, assim como as disciplinas cursadas. É importante que esse instrumento seja concebido como parte da rotina anual do curso e seja o suficientemente amplo e responsável para não permitir nenhum tipo de exagero. Esse processo de avaliação deverá se realizar dentro dos seguintes parâmetros:

- Elaboração de projetos para resolver problemas identificados num contexto observado;
- Elaboração de uma rotina de trabalho semanal a partir de indicadores oferecidos pelo formador;
- Definição de intervenções adequadas, alternativas as que forem consideradas inadequadas;
- Planejamento de situações de práticas consoantes com um modelo teórico estudado;
- Reflexão escrita sobre aspectos estudados, discutidos e/ou observados em situações práticas do exercício das várias habilidades envolvidas no Curso de Museologia;

**Diretrizes para os processos de avaliação de aprendizagem junto ao curso.**

**Avaliação da aprendizagem dos estudantes.**

Podendo ser um sistema dinâmico, o processo de avaliação é composto de várias maneiras para sua constituição. Todas têm como objetivo central a melhoria do resultado de uma formação acadêmica decorrente no trajeto junto ao curso.

Sabemos que os processos de avaliação nem sempre atingem tal objetivo, pois esbarram nas várias dificuldades ligadas aos discentes e docentes, além das questões

relativas à estrutura física disponibilizada para os processos de ensino-aprendizagem. No entanto, inegavelmente, a avaliação, quando bem conduzida, produz indicadores que serão parâmetros necessários para os trabalhos de construção e reconstrução da identidade e do corpo estrutural de um curso. A avaliação do processo de aprendizagem dos alunos será possível de forma concomitante com as avaliações referentes à avaliação do projeto pedagógico do curso, dos professores e da sua estrutura organizacional.

### **Avaliação didático-pedagógica do professor/unidade de ensino**

A avaliação realizada com periodicidade regular fornece ao professor um retorno referente ao seu desempenho enquanto docente, de uma disciplina específica que se desenvolve junto à estrutura de um curso. Dessa maneira, o Colegiado do Curso pode avaliar a estrutura organizacional do ambiente de ensino e o seu funcionamento, de forma relacionada a disciplinas específicas.

Os indicadores não podem ter como fonte, somente notas obtidas em sala de aula, que não são mais do que uma amostragem parcial da realidade dos alunos. Nesse sentido, o Colegiado do curso deverá desenvolver metodologias de cunho qualitativo, no sentido de avaliar os processos de ensino e de que forma a didática das aulas ministradas, está integrada a estrutura organizacional disponível.

### **Auto-avaliação docente.**

Em períodos regulares, de seis meses, o docente deve realizar auto-avaliações, baseadas no retorno apresentado pelos discentes. Este trabalho pode ser realizado a partir de memoriais e reunião com os demais membros do colegiado, como forma de socializar

experiências, sejam elas de cunho positivo ou não. O processo de auto-avaliação permite ao professor identificar pontos a serem trabalhados em seu planejamento e prática pedagógica. Também pode nortear ações administrativas, além de didáticas, instituídas por instâncias superiores.

### **Avaliação do Curso e do Projeto Pedagógico.**

O Colegiado do Curso deverá acompanhar continuamente os processos de ensino e aprendizagem que se desenvolvem no ambiente de ensino, de forma relacionada à estrutura organizacional disponível. No entanto, todo esse trabalho não pode estar dissociado da constante estruturação e reestruturação do projeto pedagógico do curso. O processo de avaliação contínua permite verificar se o desenho curricular previsto no conjunto do projeto pedagógico está presente em cada semestre, sendo cumprido em sua plenitude. O Projeto Pedagógico do curso deve criar meios possíveis para que o aluno possa dialogar com sua área de formação, com o ambiente acadêmico, e com o mundo da cultura e do trabalho. Este mecanismo de trabalho será efetivado com a realização de reuniões semestrais, definidas pelo próprio Colegiado do Curso, com seus respectivos integrantes. As reuniões devem discutir temas próprios ao curso, como a condução adequada de disciplinas, critérios de avaliação escolhidos pelos docentes, constatar o alcance ou não dos objetivos determinados no projeto pedagógico, assim como o aproveitamento dos alunos e inovações de cunho didático-pedagógicas, que possam vir a ser implantadas no processo de ensino-aprendizagem. É fundamental a participação de representação discente nesses encontros, de forma a ser definida pelo próprio colegiado.

### **Avaliação do Projeto Pedagógico do Curso.**

O projeto pedagógico do curso será avaliado anualmente pelos professores, quando estes farão a adequação do curso às exigências do mercado de trabalho e do ambiente social, algo que se encontra em constante mutação, o que acabará por modificar igualmente o perfil do egresso. Dessa forma, procurar-se-á acompanhar a evolução das áreas dos conhecimentos pertinentes ao curso. O resultado do projeto pedagógico de curso pode ser medido pelos índices de evasão e reprovação, desempenho dos egressos nos sistemas nacionais de avaliação da educação e por pesquisas de absorção no mercado de trabalho e aplicação dos conhecimentos adquiridos junto ao curso, por parte dos alunos.

O colegiado do curso terá a liberdade de formular novos métodos de avaliação, para atividades que, em função de suas particularidades, não tenham como possibilidades passar por esses processos avaliativos. Para tanto, deverá o colegiado deste curso, aprovar os novos meios de avaliação em reunião, com o seu registro em ata.

---

## PERFIL DO PROFISSIONAL EGRESSO

---

O Curso de Museologia pretende formar museólogos que sejam capazes de:

### *I. Quanto à competência profissional:*

- a) Equilibrar os aspectos humanísticos, de informação e comunicação;
- b) Integrar experiências de ensino, pesquisa e extensão aplicadas ao museu;
- c) Atuar na conservação, estudo e comunicação do patrimônio cultural e natural;
- d) Implementar estudos, pesquisas e ações voltadas à valorização do museus;
- e) Estimular e promover a interdisciplinaridade da museologia com os outros campos do conhecimento;
- f) Fomentar a qualificação, reciclagem e aperfeiçoamento da comunidade museológica, promovendo intercâmbios com entidades nacionais e internacionais na área da Museologia;
- g) Exercer plenamente a cidadania gerando possibilidades que promovam o desenvolvimento sustentável das comunidades.
- h) Estar apto, através da formação generalista obtida, a compreender e traduzir na museologia o patrimônio cultural nas suas variadas manifestações.

### *II. Quanto à capacidade de argumentação:*

- a) expressar-se verbalmente e por escrito com clareza; dominando os conceitos e conteúdos referentes aos museus.

- b) desenvolver argumentos lógicos e coerentes sobre as formas implicadas na conservação dos bens materiais e imateriais, sobre a educação para o património e sobre as questões que envolvam museus, memória, identidade e conhecimento.

### *III. Quanto ao mercado de trabalho:*

- a) atuar junto à museus e instituições de guarda de memória e identidades culturais, públicas ou privadas;
- b) criar novas oportunidades de trabalho no campo da museologia para si próprio e para os outros.
- c) fomentar e assessorar iniciativas comunitárias de formação de espaços museais e ações de guarda de memória e património.

### *IV. Quanto ao aperfeiçoamento profissional:*

- a) buscar formas de aperfeiçoamento profissional através de cursos de atualização e eventos da área;
- b) ser capaz de elaborar e desenvolver projetos de pesquisa na área de museologia;
- c) dar continuidade a seus estudos e experiências em cursos de pós-graduação.

A formação do museólogo deve considerar que a Museologia, domínio do conhecimento que tem por objeto de estudo o museu, se apresenta como um ponto de vista histórico baseado na Museografia que é constituída como um conjunto de

instruções práticas de como coletar, preservar, estudar e exibir objetos. A Museologia teria como objetivo central compreender o papel da instituição museal dentro de uma sociedade, num determinado tempo histórico. O Museu, atualmente, é compreendido como um fenômeno que se manifesta de diferentes maneiras no tempo e espaço e apresenta uma relação específica com o real no seu conjunto.

A Museologia está na intersecção de diferentes domínios das Ciências Humanas. No plano sociológico está o questionamento sobre o lugar dos museus dentro de uma determinada sociedade. No plano pedagógico está o papel didático-pedagógico dos museus. No domínio das Ciências da Comunicação está a relação objeto-público e no domínio histórico, a dimensão patrimonial do museu.

Pela definição do ICOM, o Museu “é uma instituição a serviço da sociedade que adquire, comunica, e notadamente expõe, para fins de estudo, conservação, educação e cultura, os testemunhos representativos da evolução, da natureza e do homem” (ICOM, 1972).

O Museu e a exposição têm por objetivo fazer o público descobrir e adquirir uma certa quantidade de informações sobre um tema dado, tendo por base um corpo de conhecimento que tem por missão difundir. Aqui nos deparamos com um dos papéis mais reconhecidos exercidos pelo Museu: a mediação. Essa mediação, que se forma num conjunto de práticas discursivas, foi sempre presente, de formas mais ou menos intencionais, percorrendo caminhos que vão desde a simples apresentação dos objetos até sua compreensão como um elemento cultural gerado num contexto específico.

Por fim, na formação do museólogo especial atenção deve ser dada à preservação e salvaguarda do patrimônio cultural, compreendendo-o como um dos elementos que articulam identidades e o sentimento de pertencimento ao lugar. O Museólogo, como um profissional da área de memória, deve saber reconhecer tanto o patrimônio material, concreto, erigido, quanto aquele que está imerso nas práticas culturais, os saberes, os fazeres, os elementos ritualísticos, o patrimônio como vida. É preciso que esse profissional, ao compreender e identificar esses vários sentidos que assumem patrimônio

e sua matriz de significados, que é a memória, articule seus conhecimentos com os anseios e necessidades da comunidade, busque desenvolver, em conjunto com ela, iniciativas que possam reverter em reforço de identidade bem como em ações que se traduzam por um desenvolvimento consciente, carreando recursos, melhorando as condições sociais e de inclusão social. O patrimônio cultural dos países que compõem o Mercosul, e muito especialmente o nosso Estado, é sem dúvida, um dos recursos disponível de precioso valor para facilitar o aceleração do desenvolvimento dos povos que vivem nessas regiões. Os museus, juntamente com as cidades, são repositórios culturais, objetos expressivos do acervo cultural ibero-americano que testemunham a formação das identidades das respectivas nações e lugares.

Um instrumento importante gerado pelo Ministério da Educação e que integra os fundamentos do curso de Museologia é a MOBILIDADE ACADÊMICA, que visa fomentar a cooperação técnico-científica entre as universidades federais brasileiras através da mobilidade de estudantes de graduação e professores. Entende-se por mobilidade acadêmica a possibilidade efetiva de discentes e docentes vinculados a uma universidade federal cursarem (no caso de discentes) e ministrarem (no caso de docentes) disciplinas em outras universidades, bem como, complementarmente, desenvolverem atividades de pesquisa e de extensão, dentro de um curso equivalente, no qual obterá as mesmas condições, direitos e garantias gozadas por um estudante regularmente matriculado ou docente em efetivo exercício.

## COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

---

O profissional a ser formado pelo Curso de Museologia deverá ser capaz de:

- a) Exercer ação cultural: pelo papel de mediador entre o conhecimento científico, erudito, específico, e o público leigo, o Museu é um espaço fundamental de educação não-formal. Logo, a formação de um museólogo orienta-o a melhor identificar e direcionar essa função pedagógica do museu, possibilitando assim a abertura de novas fontes de conhecimento ao grande público.
- b) Exercer ação social: o Museu, como espaço de memória e manifestações culturais, é um eixo importante sobre o qual se articula a identidade de um grupo, uma comunidade, uma sociedade. Cabe ao museólogo identificar essas relações, intensificar essa inserção da comunidade no museu e aprofundar esse processo de identidade.
- c) Interferir no processo econômico: o Museu, como um dos elementos constitutivos do turismo cultural, pode ser uma fonte importante de recursos para uma comunidade pois, de acordo com a forma como é trabalhado e concebido, pode ser tornar um atrativo e ampliar, dessa forma, as oportunidades de emprego, trabalho e renda da população e do local.
- d) Agir sobre os processos políticos: a comunidade local poderá ser beneficiada pela aplicação de recursos financeiros nas instituições museais, e para tanto o Museólogo é peça fundamental uma vez que se ocupa, diretamente, dos projetos museológicos e gerencia os mesmos, buscando conhecer mecanismos e fontes de financiamento.
- e) Desenvolver conhecimento científico: o Museu é um lugar de ciência, considerando que “ciência é todo um conjunto de atitudes e atividades racionais, dirigidas ao sistêmico conhecimento com objeto limitado, capaz de ser submetido à verificação”(TRUJILLO, Ferrari). Os Museus contemporâneos têm se transformado em lugares da reflexão científica e artística comprometidas com seu

tempo, descortinando através da investigação e estudo, minudentes e sistêmicos de descobrimentos de dados históricos, fatos ou princípios relativos a variados campos de conhecimento. Dentro dessas perspectivas é que o museólogo deverá orientar-se na elaboração de desenvolvimento de projetos e atitudes.

Dessa forma, deverá ser um profissional apto ao planejamento e organização de museus, no ensino, pesquisa e extensão, de casas de cultura, de centros culturais, de centros de memória, de arquivos históricos, de ateliers de conservação e restauração, apto para a curadoria de exposições públicas e privadas e apto a prestar serviços aos deslocamentos de obras de arte e objetos históricos e científicos, tanto de entidades públicas como privada. Será capaz de cadastrar, organizar e promover tombamento de acervos artísticos e científicos, bem como de emitir parecer e laudos técnicos. Também estará habilitado a atuar junto às comunidades visando resgatar a memória local através de acervos existentes, promovendo ações propositivas para sustentabilidade e inclusão social.

---

## ACOMPANHAMENTO DE EGRESSOS

---

O acompanhamento dos profissionais egressos deve permitir ao Curso conhecer os resultados da formação propiciada no que tange à inserção do formado no campo de trabalho e nas ações das quais os mesmos são capazes no âmbito da sua área de conhecimento. Um sistema eficiente de acompanhamento fornece informações importantes pelas quais se podem julgar e operar mudanças e ajustes em estruturas curriculares, ementas, planos de ensino além da análise em relação ao perfil profissional pretendido e o atingido pelos egressos. Também esse acompanhamento pode vir a fornecer parâmetros para a proposição de novas ações acadêmicas nas esferas da extensão e pesquisa.

Sendo indiscutível a importância de um sistema de acompanhamento de egressos, já que se pode considerá-lo sob os objetivos expostos, faz-se necessário pensar no sistema como um conjunto de ações compatíveis com a capacidade de execução da Instituição.

Para a obtenção de dados anuais a partir da primeira turma formada será necessário que a Coordenação do Curso mantenha o cadastro de cada egresso atualizado. Essa conferência e atualização de dados pessoais dos egressos objetiva viabilizar o contato com o egresso. Através de correio-eletrônico, anualmente a secretaria do curso solicitará a atualização do cadastro, no qual, através de campos específicos, será possível averiguar se o egresso trabalha em atividade que possa ser classificada como da área; e quantos estão trabalhando em outras áreas; e quem não está trabalhando. Esse mesmo instrumento de cadastro e entrevista perguntará sobre quem está cursando outra graduação, especialização/pós-graduação ou tem planos de vir a fazê-lo. Para os solicitados, que aceitarem o convite, aplicar-se-á outro instrumento de caráter qualitativo, consistindo esse de uma entrevista formada por quatro blocos de questões definidos pelos seguintes conteúdos gerais: I) identificação de atuação do profissional na

sua área de atuação e das características do trabalho realizado nessa; 2) atualização, pós-graduação e educação continuada; 3) busca e convivência com a área tanto pela atualização através de livros, como pela participação em associações e grupos de classe ou classes afins, 4) análises de como a formação acadêmica contribuiu para facilitar a inserção deste profissional no mercado de trabalho. Sobre a amostragem obtida, anualmente a coordenação do Curso levantará os dados que serão conclusivos no relatório de atividades anual

---

## ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

---

Ao se falar de organização curricular do curso de Museologia deve-se entender a noção de currículo como uma unidade de princípios, atividades, disciplinas e experiências que integram o processo da formação do futuro profissional, construído a partir de princípios e valores que refletem o momento histórico, o modelo cultural e social, a idéia de projeto<sup>5</sup> em outras palavras, o currículo foi pensado como um todo necessário à formação do museólogo.

O currículo foi proposto em consonância com a posição dos profissionais da área da museologia das demais IES do país e dos órgãos que fiscalizam a profissão, bem como seguindo o que promulga a Lei n.º 7287, de 18 de dezembro de 1984, que regulamenta a formação e profissão do museólogo e a Lei n.º 91775, de 15 de outubro de 1985, que autorizam a criação do Conselho Federal e dos Conselhos Regionais de Museologia.

O Curso de Museologia está estruturado em três núcleos de formação:

- I. Um conjunto composto por disciplinas formadoras, de cunho teórico-prático, que integram conhecimentos técnicos, humanísticos, artísticos, históricos e culturais que constituem a **Formação Específica**. Esse núcleo compreende os campos de conhecimento singulares ao curso e ao desenvolvimento da profissão de museólogo. O núcleo se constitui dos componentes curriculares considerados obrigatórios para a realização da trajetória acadêmica, além da realização do estágio curricular obrigatório. Os componentes curriculares são distribuídos ao longo de 8 (oito) semestres, com a finalidade de formar o aluno e atribuir-lhe aptidão para o trabalho em museus e espaços correlatos, traçando seu perfil e conduzindo-o a habilidades e competências específicas.
2. Um conjunto de atividades que preparam o profissional para a atuação mais diversificada como museólogo, constitui a sua **Formação Complementar**.

---

<sup>5</sup> Ver aqui a noção de Projeto desenvolvida por Gilberto Velho, que o define como um conjunto de possibilidades geradas no contexto social (VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987).

O aluno poderá escolher essas atividades de acordo com a forma que ele pretende atuar enquanto museólogo. Com as disciplinas optativas, o aluno irá construir novos eixos de formação, que atendam as suas necessidades de conhecimento específico. O ideal é que os alunos realizem esse núcleo de formação, de forma com que as suas escolhas estejam relacionadas, no sentido de proporcionar um novo domínio de conhecimento. Para isso, o colegiado do curso estará disponível para orientar e embasar as suas escolhas.

Em consonância com o que descreve a Lei nº 10436, de 24 de abril de 2002, que entende a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS como “meio legal de comunicação e expressão”, e reconhecendo sua importância como complemento na formação do profissional museólogo, esta disciplina integra o quadro de optativas na grade curricular do curso<sup>6</sup>.

Faz parte também deste núcleo as **atividades complementares**, caracterizadas por um conjunto de práticas e experiências integradoras que aproveitem a experiência extra-acadêmica do aluno e que ampliem as possibilidades e interesses individuais, potencializando os recursos de formação profissional através da incorporação de ações possíveis e externas à Instituição.

Compreende atividades que o aluno venha a desenvolver em outras unidades acadêmicas ou no aproveitamento de competências aplicadas em atividades profissionais na área, devidamente documentadas e observadas em relação às possibilidades designadas pelo Colegiado do Curso e, também, em atividades acadêmico-científico-culturais, julgadas pertinentes à área de formação pelo Colegiado do Curso. Este núcleo de formação pode ser percorrido em atividades de extensão e pesquisa, além da realização ou participação de eventos e atividades acadêmicas, ou realizadas em meio social, desde que sejam elas de áreas afins com a formação acadêmica original dos alunos. A análise da pertinência dessas atividades complementares, será realizado em reunião de colegiado, a

---

<sup>6</sup> Em anexo, o Plano de Ensino da disciplinas LIBRAS.xcc

partir de uma abordagem qualitativa, utilizando-se de uma aproximação do exemplo presente para com a área de conhecimento e formação do aluno. Deverão ser cumpridas no mínimo 200 horas de atividades complementares.

3. A possibilidade do estudante traçar seu próprio itinerário acadêmico-formativo, constitui o núcleo de **Formação Livre**. O aluno poderá matricular-se em disciplinas de outros cursos que mantenham conexões com as áreas de saber necessárias ao exercício da profissão de museólogo. Essas disciplinas poderão ser escolhidas pelo aluno, de acordo com seus interesses pessoais para sua formação acadêmica.

Essas disciplinas deverão ser previamente comunicadas e aprovadas pelo colegiado do curso. No entanto, levando em consideração a variedade de ferramentas e conhecimentos aplicáveis no campo da museologia, qualquer disciplina de qualquer área do conhecimento poderá ser cursada pelo aluno, desde que obedecido os pré-requisitos, as prescrições legais e haja disponibilidade da instituição que a oferta, e que esta disciplina venha a contribuir com a prática museológica.

A profissão de museólogo se desenvolve no interior de uma teia formada por parâmetros teóricos e práticos inequivocamente multi e/ou interdisciplinar, nesse sentido, entende-se que este núcleo curricular contempla um momento fundamental na trajetória de construção profissional e pessoal do aluno aonde podem ser feitas escolhas que lhe permitirão conhecer diferentes possibilidades de formação livre.

A seguir apresentamos a organização dos conjuntos de disciplinas em cada uma das três dimensões formativas descritas acima.

#### I. Formação Específica

##### *Disciplinas obrigatórias*

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
------------	---------	---------------	---

Introdução à Museologia	1º	68h	4T
<p>EMENTA:</p> <p>A idéia de Museu na cultura ocidental, desde seus antecedentes até os dias atuais. Museu, Museologia e suas principais correntes de pensamento. Museologia como disciplina científica: objeto, método, posição no sistema das ciências. Funções museológicas relativas à recolha, salvaguarda e divulgação do patrimônio cultural e suas implicações nos domínios da cultura, da educação e da memória. Regulamentação referente ao estudo e à prática da Museologia, em abrangência nacional e internacional.</p>			
<p>BIBLIOGRAFIA:</p> <p><i>Básica:</i></p> <p>CERÁVOLO, Suely Moraes. <b>Delineamentos para uma Teoria da Museologia</b>. Anais do Museu Paulista, jun-dez, vol.12 número 012, pp327-268.</p> <p>CHAGAS, M. S. Memória e poder: focalizando as instituições museais. <b>Intersecções Revista de Estudos Interdisciplinares</b>, Rio de Janeiro, v. n.2, p. 5-23, 2001.</p> <p>CURY, M. X.: Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus. <b>História, Ciências, Saúde – Manguinhos</b>, v. 12 (suplemento), p. 365-80, 2005.</p> <p>GONÇALVES, L. G. <b>Política Nacional de Museus – Memória e Cidadania</b>. 2003 Ministério da Cultura. 41p.</p> <p>LOUREIRO, J. M. M. O objeto de estudo da museologia. In: Marcus Granato; Claudia Penha dos Santos. (Org.). <b>MAST Colloquia – Museu: Instituição de Pesquisa</b>. Rio de Janeiro: MAST - MCT, 2005, v. 07, p. 25-36.</p> <p>MASON, Timothy. Museologia 7. Gestão museológica – desafios e práticas <i>Série Museologia: Roteiros Práticos nº 7</i> Edusp; Fundação Vitae, São Paulo, 1ª edição, 2004</p>			

MASON, Timothy. *Museologia* 8. Acessibilidade. Série *Museologia: Roteiros Práticos* n° 8 Edusp; Fundação Vitae, São Paulo, 1ª edição, 2004.

MENSCH, Peter Van. **O objeto de estudo da Museologia**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 1994. *Museologia*, UNIRIO, 2005, p. 01-06.

POSTMAN, Neil. A Ampliação do Conceito de Museu. In: SCHEINER, Tereza. **Bases. Teóricas de Museologia**, UNIRIO, 2005, p. 01-06

SANTOS, Maria Célia T. M. **Reflexões sobre a Nova Museologia**. Texto preparado para seminário no Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo-MAE/USP, realizado em setembro de 1999.

SUANO, Marlene. **O que é museu?** São Paulo: Brasiliense, 1986. Coleção Primeiros Passos.

*Complementar:*

ANICO, Marta. A pós-modernização da cultura : património e museus na contemporaneidade. **Horiz. antropol**, jun 2005, v.II, n o .23, p.71-86.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: USP, 1997.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Arte, Objeto Artístico, Documento e Informação em Museus. In: Simpósio Museologia e Arte. XVII Conferência Anual do ICOFOM e Universidade do Rio de Janeiro. Escola de Museologia. Rio de Janeiro: Tacnet Cultural, p.8-14, 1996.

TOJAL, Amanda. Museu e inclusão social. In: **Políticas Públicas Culturais de Inclusão de Públicos Especiais em Museus**. São Paulo, 2007.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
Memória e Patrimônio	1º	68h	4T

## EMENTA:

A memória como elemento articulador de patrimônio e identidades culturais; as várias abordagens da memória; a escola sociológica francesa; o individual e o coletivo nos discursos contemporâneos sobre a memória; as saturações da memória; o esquecido social; as reordenações da memória; objetos evocadores, objetos memoriais.

## BIBLIOGRAFIA:

*Básica:*

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, s/d

BOSI, Eclea. **Memoria e Sociedade: Lembrança de velhos**. São Paulo: T. A Queiroz Editor, 1987

CANDAU, Joel. *Antropologia de la memoria*. Buenos Aires: Nueva Vision, 2002

CANDAU, Joel. *Memória e Identidad*. Buenos Aires: Del Sol, 2001

FERREIRA, Maria Leticia M. *Os três apitos: Fábrica Rheingantz, memória pública e memória coletiva, 1950-1970*. Tese de Doutorado.PPGH- PUCRS,2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice Editora, 1990

HOBSBAWM, Eric. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

HUYSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002

MILLER, Greg et al. *NEUROBIOLOGY: A Surprising Connection Between Memory and Imagination*. *Science* 315, 312 (2007)

PORTELLI, Alessandro. *O massacre de Civitella Val di Chiana: mito, política, luto e sentido do passado*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e**

**Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1996

ROSARIO, Claudia Cerqueira. O lugar mítico da memória. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas.** número 01, 2002

*Complementar:*

HUYSEN, Andrés. Escapar de la amnesia: los museos como medio de masas vacío  
IN: **Em busca del futuro perdido: cultura y memoria en tiempos de globalización.**  
Buenos Aires. Fondo de cultura economía, 2001.

LORAU, Nicole. De la amnistia y su contrario In: YERUSHALMI, Yosef H (org.)  
**Usos del Olvido.** Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1998.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro,  
vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POLOMER, Azun Candida. El día interminable. Memoria e instalación del 11 de  
septiembre de 1973 en Chile (1974-1999) IN: JELIN, Elizabeth (comp.) **Las  
comemoraciones: las disputas en las fechas “in-felices”.** Buenos Aires. Siglo Veintiuno,  
2002

CARVALHO, Alexandra; CATELA, Ludmila Silva. 31 de marzo de 1964 en Brasil:  
memorias deshilachadas. IN: JELIN, Elizabeth (comp.) **Las conmemoraciones: las  
disputas en las fechas “in-felices”.** Buenos Aires. Siglo Veintiuno, 2002

FERREIRA, Maria L. Guerra nos museus. Mesa-redonda do Seminário Internacional  
“A Democratização da Memória: A Função Social dos Museus Ibero-Americanos”,  
MHN, Rio de Janeiro, 2008

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana: mito, política, luto e  
sentido do passado. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e  
Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1996:103-130

CANDAU, Joel. Conflits de mémoire: pertinence d’une métaphore? IN: **BONNET,**

Véronique (sous la direction de) **Conflits de mémoire**. Paris: Khartala, 2004.

DIMITRIJEVIC, Dejan. "Inventer une mémoire pour construire une identité: l'origine bogomile de la nation "bochniaque" IN: DIMITRIJEVIC, Dejan (sous la direction de). **Fabrications de traditions inventiton de modernité**. Paria, Éditions de la maison des sciences de l'homme. 2004

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Introdução à Antropologia</b>	2º	68h	4T

EMENTA:

Métodos e procedimentos. Teorias antropológicas. Cultura e sociedade. Homem e produção simbólica. Pólos teóricos da Antropologia Contemporânea.

BIBLIOGRAFIA:

*Básica:*

BOAS, Franz. *Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: FAPESP/SMC, Companhia das Letras, 1992.

CLASTRES, Pierre. *Crônicas dos Índios Guayaki*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

ERIKSEN, Thomas Hylland, NIELSEN, Finn Sivert. *História da Antropologia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. Os Nuer. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 5-60.

FOOTE-WHYTE, William. *Treinando a Observação Participante*. In:

GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org<sup>a</sup>). Desvendando Mascaras Sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1980, p. 77-86.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GEERTZ, Clifford. O Saber Local. Petrópolis: Vozes, 1998.

GEERTZ, Clifford. Os Usos da Diversidade. In: Horizontes Antropológicos, Ano 5, n.10. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

LEVI-STRAUSS. Claude. Antropologia Estrutural Dois. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

MALINOWSKI, Bronislaw “Introdução – Tema, Método e Objetivo desta Pesquisa” In: Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril, 1984

MATTA, Roberto da. Relativizando: uma introdução à antropologia social. Petrópolis: Vozes, 1981.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

MAUSS, Marcel. Ofício de Etnógrafo, Método Sociológico. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de (Org.). Marcel Mauss. São Paulo: Editora Atica, [?], p. 53-59.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 1998.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de (Org.). Marcel Mauss. São Paulo: Editora Atica, s/d.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de, RUBEN, Guillermo Raul. Estilos de Antropologia. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

PEIRANO, Mariza. A Favor da Etnografia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

SANTOS, Rafael José dos. Antropologia para quem não vai ser antropólogo. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2005.

SEEGER, Anthony. Os Índios e Nós. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

SEEGER, Anthony, DA MATTA, Roberto, CASTRO, Eduardo Viveiros de. A Construção da Pessoa nas Sociedades Indígenas Brasileiras. In: OLIVEIRA FILHO, João Pacheco (Org.). Sociedades Indígenas & Indigenismo no Brasil. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987, p. 11-29.

VELHO, Gilberto. Individualismo e Cultura. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1981.

ZALUAR, Alba (Org<sup>a</sup>). Desvendando Mascaras Sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1980, p. 77-86.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A Fabricação do Corpo na Sociedade Xinguana. In: OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de (Org.). Sociedades Indígenas & Indigenismo no Brasil. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987, p.31-39.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Araweté: os deuses canibais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

*Complementar:*

BONETTI, Alinne, FLEISCHER, Soraya. Entre Saias Justas e Jogos de Cintura. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

DURKHEIM, Émile. Representações Individuais e Representações Coletivas. In: Sociologia e Filosofia. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1970.

CLASTRES, Pierre. A Sociedade Contra o Estado. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

NUNES, Edson de Oliveira (Org.). A Aventura Sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Antropologia, Iconografia e Museologia</b>	3º	68h	4T
<p>EMENTA:</p> <p>Características sócio-econômicas e culturais dos grupos indígenas brasileiros. Cosmologia, mitos e rituais. Relações interétnicas e histórico do contato. As situações de contato, variantes estruturais, étnicas e regionais. Articulação étnica e identidade. Panorama da etnologia nos últimos 20 anos. Escravidão e resistência no Brasil; identidade; etnia; elementos estéticos e rituais, estética ritual.</p>			
<p>BIBLIOGRAFIA:</p> <p><i>Básica:</i></p> <p>CASTRO, Eduardo Viveiros de. <b>A Inconstância da Alma Selvagem</b> — e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2002.</p> <p>CLIFFORD, James. <i>Itinerarios Transculturales</i>. Barcelona: Gedisa Editorial, 1997, p. 139-184.</p> <p>DESCOLA, Philippe. Genealogia de Objetos e Antropologia da Objetivação. In: <b>Horizontes Antropológicos</b>, Porto Alegre, ano 8, n. 18, p. 93-112, dezembro de 2002.</p> <p>GALLOIS, Dominique Tilkin. <b>Mairi Revisitada</b> — a reintegração da Fortaleza de Macapá na tradição oral dos Waiãpi. São Paulo: NHII/USP/FAPESP, 2003.</p> <p>KROEBER, Alfred L. Arte Indígena da América do Sul. In: RIBEIRO, Berta G. <b>Suma Etnológica Brasileira</b>. São Paulo: FINEP, 1987, p. 65-118.</p>			

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural Dois**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. Campinas: Papyrus, 1989.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mitológicas I: O Cru e o Cozido**. São Paulo: Cosac Naify, 2004, p. 19-114.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado**. Lisboa-Portugal, Edições 70, 1978.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília: Paralelo 15/São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ORTIZ, Renato. **A Morte Branca do Feiticeiro Negro**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PEIRANO, Mariza. **Rituais Ontem e Hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

RIBEIRO, Berta G.; VELTHEM, Lucia H. van. Coleções Etnográficas — documentos materiais para a história indígena e a etnologia. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 102-112.

RIBEIRO, Berta G. A Contribuição dos Povos Indígenas à Cultura Brasileira. In: SILVA, Aracy Lopes da, GRUPIONI, Luís Donisete Benze. **A Temática Indígena na Escola**. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995, p. 197-216.

SILVA, Aracy Lopes da. Mito, Razão, História e Sociedade: interrelações nos universos sócio-culturais indígenas. In: SILVA, Aracy Lopes da, GRUPIONI, Luís Donisete Benze. **A Temática Indígena na Escola**. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995, p. 317-335.

TURNER, Victor. *La Selva de los Símbolos*. Madri: España Editores, 1980.

*Complementar:*

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O Amor pela Arte**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

LATOUR, Bruno. Relativismo. In: **Jamais Fomos Modernos**. São Paulo: Editora 34, 2000.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Epistemologia</b>	7º	51h	3T

**EMENTA:**

Conhecimento científico e outros tipos de conhecimento. Problemas teóricos e metodológicos. Evolução histórica das ciências.

**BIBLIOGRAFIA:**

*Básica:*

BACHELARD, G. Epistemologia. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1983.

*Complementar:*

DESCARTES, R. Regras para a direção do espírito. Lisboa: Ed Presença, 1986.

POPPER, K. S. A lógica da pesquisa científica. São Paulo: Culturix, 1975.

KHUN, T. Estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 1975.

FEYERABEND. P. Contra o método: esboço de uma teoria anárquica da teoria do conhecimento. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências. Portugal: Afrontamento, 1996.

ALVES, R. Filosofia da ciência: Introdução ao jogo e suas regras. Brasil: Editora Brasiliense, 1992.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
Percepção Visual I	2º	68h	4T

EMENTA:

A comunicação não verbal. Características da Percepção Visual. O olhar como instrumento de percepção, equilíbrio, forma, configuração, espaço, luz, cor, movimento, música, expressão no campo bidimensional através de processo analítico/prático dos diversos fenômenos culturais e movimentos artísticos.

BIBLIOGRAFIA:

*Básica:*

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e Percepção**. São Paulo: Pioneira, 1988.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: M. Fontes, 1991.

FRACCAROLI, Caetano. **A Percepção da Forma e sua Relação com o Fenômeno Artístico (Gestalt)**. São Paulo: FAU / USP, 1982.

GOMES FILHO, João. **Gestalt do Objeto: sistema de leitura visual da forma**. São Paulo: Escrituras, 2003

*Complementar:*

KANDINSKY, Wassily. **Ponto e Linha sobre o Plano**. São Paulo: M. Fontes, 1997.

MUNARI, Bruno. **Diseño y Comunicación Visual**. Barcelona: Gustavo Gili, 1973.

OSTROWER, Fayga. **Universos da Arte**. Rio de Janeiro: Ed. Campos, 1981

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>História da Cultura Ocidental</b>	2º	68h	4T

EMENTA:

A formação cultural do Ocidente; religião, arte e poder; o simbolismo na iconografia religiosa; as grandes correntes de pensamento a partir do século XVII; o público e o privado; o século XVIII; revolução industrial e a sociedade do Século XIX; política, economia e sociedade no Século XX.

BIBLIOGRAFIA:

*Básica:*

BARBUY, Heloisa. **A Exposição universal de 1889 em Paris**. São Paulo, Loyola, 1999.

BROWN, Peter. Antiguidade tardia. IN: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. **História da Vida privada. Do Império Romano ao ano mil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1990

DUBY, Georges; ARIÈS, Philippe. **História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. Companhia das letras, 1995

FUNARI, Pedro Paulo Abreu (org. e trad.). **Antigüidade Clássica – a história e a cultura a partir dos documentos**. Campinas: UNICAMP. 2003

FUNARI, Pedro Paulo. **Cultura popular na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Contexto, 1989.

PANOFSKY, Erwin. **Renascimento e Renascimentos na Arte Ocidental**, Lisboa:

Presença, 1980

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições universais: espetáculos da modernidade do século XIX**. São Paulo, HuciteC, 2005.

SOARES DE DEUS, Paulo R. Folclore e cultura na Idade Média: a viagem de São Brandão. **BRATHAIR**, 3 (2), 2003:03-13

VAUCHEZ, André. **A espiritualidade na Idade Média Ocidental: séculos VIII a XIII**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995

VERNANT, Jean Pierre. **As origens do pensamento grego**. São Paulo, DIFEL, 1986

VEYNE, Paul. O Império Romano IN: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. **História da Vida privada. Do Império Romano ao ano mil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1990

*Complementar:*

DUBY, Georges. A civilização latina. Dos tempos antigos ao mundo moderno. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.

DUBY, Georges. O tempo das catedrais. A arte e a sociedade (980-1420). Lisboa: Editorial Estampa 1979.

DUBY, Georges. As três ordens ou o imaginário do feudalismo. Lisboa: Editorial Estampa 1982.

HOBBSAWM, Eric. Ecos da Marselhesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. Era dos extremos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BETHENCOURT, Francisco. História das Inquisições. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BURKE, Peter. Variedades de História Cultural. Rio de Janeiro: Civilização

Brasileira, 2000.

JOHNSON, Paul. O Renascimento. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. Dicionário temático do Ocidente Medieval. Bauru/SP: EDUSC; São Paulo: IMESP, 2002.

WARNKER, Martin. O artista e a corte. São Paulo: Edusp, 2001.

WILLS, John E. 1688: o início da era moderna. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador: formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 2 vol.

BURKE, Peter. A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. Cultura Popular na Idade Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Botânica</b>	3º	51h	3T

EMENTA:

Etmologia. Conceituação. Metodologia de experimentos da Botânica e sua relação com as demais ciências. As relações da Botânica com a Museologia. A investigação científica e sua aplicação nos Parques e Jardins Botânicos, museus ao ar livre, museus de território e ecomuseus.

BIBLIOGRAFIA:

*Básica:*

BEZERRA, P. & FERNANDES, A. 1989. **Fundamentos de taxonomia vegetal**. Ceará: EUFC.

CABRERA, J.I.A. & KÜNZLI, R. Análise do sítio arqueológico Lagoa São Paulo – 02. Um breve ensaio de uma pesquisa geoarqueológica. *Revista Formação*, **15** (1):108-117

FIDALGO, O. & BONONI, V.L.R. 1989. Técnicas de coleta, preservação e herborização de material botânico. São Paulo, 62p. (Série Documentos)

JOLY, A. B. 1976. **Botânica: introdução à taxonomia vegetal**. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

LORENZI, H. & Matos, F.J.A. **Plantas Medicinais no Brasil**. Nova Odessa: E. Plantarum, 2002. 512 p.

LORENZI, H. & Souza, H.M. **Plantas Ornamentais no Brasil arbustivas, herbáceas e trepadeiras**. Nova Odessa: Ed, Plantarum, 1995. 720 p.

LORENZI, H. **Árvores Brasileiras: Manual de Identificação e Cultivo de Plantas Arbóreas Nativas do Brasil**. Nova Odessa: Ed. Plantarum, 1992. v. I. 352 p.

LORENZI, H. **Plantas Daninhas do Brasil: terrestres, aquáticas, parasitas e tóxicas**. 3. ed. Nova Odessa: Ed. Plantarum, 2000. 608 p.

MICHEL, E.L. 2001. **Hepáticas Epífitas sobre o Pinheiro-Brasileiro no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Editora da Universidade- UFRGS.

PAIVA, C.L. & SANTOS, A.C.F. 2008 . Taperas e suas plantas: etnobotânica dos antigos assentamentos humanos. *Revista Diálogos*, **10**( 3): 33-53.

PEIXOTO, A.L. 2003. **Coleções biológicas de apoio ao inventário, uso sustentável e conservação da biodiversidade**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 238p.

RAVEN, P. H.; EVERT, R. F.; CURTIS, H. 1976. **Biologia vegetal**. Rio de Janeiro, Guanabara Dois.

RIO GRANDE DO SUL. SAA/DRNR. **Frutíferas Nativas**. Porto Alegre: DDIR, 1982. 31 p.

SANCHOTENE, M.C.C. **Frutíferas Nativas Úteis à Fauna na Arborização Urbana**. 2. ed. Porto Alegre: SAGRA, 1989. 306 p.

WINGE, H.; FERREIRA, A.G.; MARIATH, J.E.A. & TARASCONI, L.C. (Orgs). **Erva-Mate: Biologia e cultura no Cone Sul**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1995. 356 p.

*Complementar:*

BIANCHINI, G.F.; SCHEEL-YBERT, R. & GASPAR, M.D. 2007. Estaca de Lauraceae em contexto funerário (sítio Jaboticabeira II, Santa Catarina, Brasil). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, **17**: 223-229.~

BOWEN, D.E. et al. 2004. A list of plants observed along the lower Missouri River by the Lewis and Clark Expedition in 1804 and 1806. *Transactions of the Kansas Academy of Science*, **107** (1/2): 55-68.

PRATHER, L.A. et al. 2004. The Decline of Plant Collecting in the United States: A Threat to the Infrastructure of Biodiversity Studies. *Systematic Botany*, **29**(1): pp. 15–28

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
Percepção Visual II	3º	68h	4T

**EMENTA:**

Estudo da forma tridimensional: modulação e estrutura. Análise crítica e estética do processo analítico/prático dos diversos fenômenos culturais e movimentos artísticos.

**BIBLIOGRAFIA:***Básica:*

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e Percepção**. S. Paulo: Pioneira, 1988.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. S. Paulo: M. Fontes, 1991

FRACCAROLI, Caetano. **A Percepção da Forma e sua Relação com Fenômeno Artístico** (gestalt). S. Paulo: FAU. USP. 1982.

GOMES FILHO, João. **Gestalt do Objeto: sistema de leitura visual da forma**.

São Paulo: Escrituras, 2003.

*Complementar:*

OSTROWER, Fayga. **Universos da Arte**. Rio de Janeiro: Ed. Campos, 1981.

MUNARI, Bruno. **Diseño y comunicación visual**. Barcelona: Gustavo Gili, 1973.

PEDROSA, Israel. **Da cor a cor inexistente**. Rio de Janeiro: Léo Chistiano Editorial, 1982.

PENTEADO NETO, Onofre. **Desenho Estrutural**. S. Paulo: Perspectiva, 1976.

KANDINSKY, Wassily. **Ponto e Linha sobre o Plano**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SCHWONKE, Raquel Santos. **Cor: material didático lâminas para retro projetor**. Pelotas: UFPEL. s/data.

VIEIRA, Margareth. **Síntese baseada na obra de: Pedrosa, Israel. Da cor à cor inexistente.** Rio de Janeiro: Funarte, 1982

FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em publicidade.**São Paulo: Edgard Blücher, Ed. da USP,1975.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>História Geral da Arte I</b>	3º	34h	2T

**EMENTA:**

Estudo analítico e crítico da produção artística no Ocidente da Antigüidade ao Realismo.

**BIBLIOGRAFIA:**

*Básica:*

COLI, Jorge. **O que é arte.** São paulo: Brasiliense, 1998

FADIOLO, Maurizio e Argan, Giulio Carlo. **Guia de História da Arte.** Lisboa, Editorial Estampa, 1992.

GYMPEL, Jam. **História da Arquitetura – Da antigüidade aos nossos dias.** Colônia: Konemann, 2001.

GOMBRICH, E. **A História da Arte.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

JANSON, Horst Woldemar. **História Geral da Arte: O Mundo Antigo e a Idade Média.** São Paulo. Editora Martins Fontes. 1993.

JANSON, Horst Woldemar. **História Geral da Arte, Renascimento e Barroco.** São Paulo. Editora Martins Fontes. 1993.

JANSON, H.W; JANSON, A.F; **Iniciação à História da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

JIMENEZ, Marc. **O que é estética?** São Leopoldo, Editora Unisinos, 1999.

HAUSER, A. **História Social da Literatura e da Arte**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1972.

*Complementar:*

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MAYER, Ralph. **Manual do Artista**. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Zoologia</b>	5º	68h	2T + 2P

EMENTA:

Etmologia. Conceito. Campo de estudo e suas divisões. Relações com outras ciências. Relação com a museologia como ciência auxiliar nos parques naturais, jardins zoológicos, aquários, museus, ecomuseus, entre outros. Classificação e determinação de espécies de animais. Métodos e Técnicas de preservação animal. Exposições públicas. Curadoria do Acervo zoológico. Ações comunitárias e de educação museal.

BIBLIOGRAFIA:

*Básica:*

Hildebrand, Milton. 1999. **Análise da Estrutura dos Vertebrados**. Atheneu. São Paulo, 699p.

Papavero, Nelson. 1994. **Fundamentos Práticos de Taxonomia Zoológica**. UNESP .São Paulo,285p

*Complementar:*

Barnes, Robert; Ruppert, Edward E. 1996. **Zoologia dos Invertebrados**.Roca ed. São Paulo,1026p.

Mc Farland,Paul. 2002. **A Vida dos Vertebrados**. Atheneu.São Paulo,890p.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>História Geral da Arte II</b>	4º	34h	2T

EMENTA:

Estudo analítico e crítico da produção artística do Impressionismo à Contemporaneidade: arte como expressão da sociedade moderna e contemporânea - principais correntes, movimentos e manifestações.

BIBLIOGRAFIA:

*Básica:*

ARCHER, M. **Arte Contemporânea**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ARGAN, Giulio Carlos. **Arte moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ARACIL, Alfredo e RODRIGUEZ, Delfin. **El Siglo XX: Entre la muerte da Arte e el Arte Moderno**, Madrid: Istmo, 1998.

BASBAUM, R. **Arte Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro: 2001.

BELL, Julian. **Uma Nova História da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

- CHIPP, H.B. **Teorias da Arte Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- DEMPSEY, Amy. **Estilos, escolas e movimentos**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- DE FUSCO, Renato. **História da Arte Contemporânea**. Lisboa: Presença, 1988.
- FREIRE, Claudia. **Poéticas do processo**. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- HARRISON, Charles; FRANCINA, Francis; PERRY, Gill. **Primitivismo, cubismo e abstração**. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.
- HONNEF, Klaus. **Arte Contemporânea**. Hamburgo: Taschen, 1994.
- JANSON, W.W. **Iniciação à História da Arte**. São Paulo, Martins Fontes, 1988.
- KARL, Frederick Robert. **O moderno e o modernismo**. Trad. Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Imago, 1988. 627 p.
- LUCIE-SMITH, Edward. **Movimentos artísticos desde 1945**. Barcelona: ed. Destinos, 1995. p.19
- MICHELI, M. **As vanguardas artísticas**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MILLET, Catherin. **Arte Contemporânea**. Lisboa: Piaget, 1997.
- NECTOUX, Jean Michel. *Mallarmé: un clair regard dans les ténèbres - peinture, musique et poésie*. Paris: Adam Biro, 1998.
- RUHRBERG et all. **Arte del siglo XX**. Taschen, 2005.
- SCHAPIRO, M. **A Arte Moderna**. São Paulo: Edusp, 1996.
- SPROCCATI, Sandro. **Guia de História da Arte**. Lisboa: Presença, 1997.
- STANGOS, Nikos (org.) **Conceitos da Arte Moderna**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- TASSINARI, Alberto. **O espaço moderno**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

WOOD, Paul [et alli]. **Modernismo em disputa: a arte desde os anos 40**. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.

*Complementar:*

CHARNEY, Leo e SCHWARTZ, Vanesa (org.) **O cinema e invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

COMPAGNON, Antoine. **Os Cinco Paradoxos da Modernidade**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

HUTCHEON, Linda. **A poética do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1988.

HUYSEN, Andreas. **Memórias do Modernismo**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

ZÍLIO, Carlos. **A Querela do Brasil**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1982.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>História Geral do Brasil</b>	4º	68h	4T

**EMENTA:**

Abordagem crítica do Brasil Colônia, segundo a História do Cotidiano e das Mentalidades. O Império do Brasil, visto numa perspectiva da História do Cotidiano e das Mentalidades. Análise histórica do período Republicano e do Brasil Contemporâneo.

**BIBLIOGRAFIA:**

*Básica:*

AMADO, Janaína & FIGUEIREDO, Luiz Carlos. *Brasil 1500: quarenta documentos*. Brasília: Editora Universidade de Brasília / São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

AMADO, Janaína & FIGUEIREDO, Luiz Carlos. *O Brasil no Império português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org). *História da vida privada no Brasil – vol. 2: Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *O governo Jânio Quadros*. São Paulo: Brasiliense, 1981 (1985).

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CAPELATO, Maria Helena. *O movimento de 1932: a causa paulista*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CARONE, Edgard. *A República Velha*. São Paulo: Difel, 1970.

CARONE, Edgard. *A Primeira República*. São Paulo: Difel, 1973.

CARONE, Edgard. *O Estado Novo, 1937-1945*. São Paulo: Difel, 1976.

CARONE, Edgard. *A Segunda República, 1930-1937*. São Paulo: Difel, 1974.

CARONE, Edgard. *A Terceira República, 1937-1945*. São Paulo: Difel, 1982.

CARONE, Edgard. *A Quarta República, 1945-1964*. São Paulo: Difel, 1982.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas – o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTRO, Celso. *A proclamação da República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,

2000.

COSTA, João Cruz. *O positivismo na República*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

DAVIDOFF, Carlos. *Bandeirantismo: verso e reverso*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DEL PRIORE, Mary. *Religião e religiosidade no Brasil colonial*. São Paulo: Ática, 2002.

DEL PRIORE, Mary. *Mulheres no Brasil Colonial*. São Paulo: Contexto, 2003.

DEL PRIORE, Mary. *Festas e utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. São Paulo: Globo / Publifolha, 2000 (1ª ed. 1958).

FARIA, Antonio Augusto & BARROS, Edgard Luiz de. *Getúlio Vargas e sua época*. São Paulo: Global, 1983.

FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo 3 – Período Republicano (4 volumes). São Paulo: Difel, 1981

FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930: história e historiografia*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2000.

FAUSTO, Carlos. *Os índios antes do Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FERLINI, Vera Lúcia Amaral. *A civilização do açúcar – séculos XVI a XVIII*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 47ª ed. São Paulo: Global, 2003 (1ª ed. 1933).

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

FURTADO, Júnia Ferreira. *Cultura e sociedade no Brasil colônia*. São Paulo: Atual, 2000.

GORENDER, Jacob. *O escravismo colonial*. São Paulo: Ática, 1978.

HOLANDA, Heloísa Buarque de & GONÇALVES, Marcos. *Cultura e participação nos anos 60*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio Editor, 1971 (1ª ed. 1936).

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense / Publifolha, 2000 (1ª ed. 1958).

HOLANDA, Sérgio Buarque de (org). *História geral da civilização brasileira*. Tomo I – A época colonial; Volume I – Do descobrimento à expansão territorial. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (org). *História geral da civilização brasileira*. Tomo I – A época colonial; Volume 2 – Administração, economia e sociedade. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

LESSA, Renato. *A invenção republicana*. Rio de Janeiro: IUPEFJ, 1988.

LINS, Ivan. *História do positivismo no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

LOPEZ, Luiz Roberto. *História do Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

MAESTRI, Mário. *Uma história do Brasil - Colônia*. São Paulo: Contexto, 2002.

- MAESTRI, Mário. *Uma história do Brasil - Império*. São Paulo: Contexto, 2002.
- MAESTRI, Mário. *Uma história do Brasil - República*. São Paulo: Contexto, 2002.
- MOTA, Carlos Guilherme (org). *Brasil em perspectiva*. 15ª ed. São Paulo: Difel, 1985 (1ªed. 1968).
- PESAVENTO, Sandra. *O Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994.
- RIBEIRO, Berta. *O índio na história do Brasil*. São Paulo: Global, 1983.
- RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- RIBEIRO JÚNIOR, José. *A Independência do Brasil*. São Paulo: Global, 1997.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *Família, mulheres e povoamento: São Paulo, século XVII*. Bauru: EDUSC, 2003.
- SEVCENKO, Nicolau. *A revolta da vacina*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil, vol. 3: República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SILVA, Marcos. *Contra a chibata: marinheiros brasileiros em 1910*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *A intentona comunista de 1935*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- TELAROLLI, Rodolpho. *Eleições e fraudes eleitorais na República Velha*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

TOLEDO, Caio Navarro de. *O governo Goulart e o golpe de 64*. São Paulo: Brasiliense, 1982 (1987).

TOTA, Antônio Pedro. *O Estado Novo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

TREVISAN, Leonardo. *A República Velha*. São Paulo: Global, 2001.

TRONCA, Ítalo. *A dominação oculta*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

VAINFAS, Ronaldo & SOUZA, Juliana. *Brasil de todos os santos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

VERGUEIRO, Laura. *Opulência e miséria das Minas Gerais*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

WEHLING, Arno. *Formação do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994

*Complementar:*

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta ao rei Dom Manuel*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000 (1500).

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1978 (7 volumes).

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1997.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Arte e Cultura Brasileira</b>	4º	68h	4T

**EMENTA:**

Correntes de pensamento que influenciaram na percepção da cultura e do homem brasileiro, e na construção de modelos de interpretação social, artística e cultural. Influência das matrizes ibéricas, indígenas e africanas na formação artístico-cultural brasileira. Manifestações culturais e artísticas do movimento modernista brasileiro até a contemporaneidade. Sistema de informatização nas produções artístico-culturais brasileiras.

**BIBLIOGRAFIA:**

*Básica:*

AMARAL, Aracy. Artes Plásticas na Semana de 22. São Paulo: Perspectiva, 1970.

\_\_\_\_\_. Concretismo e Neoconcretismo. São Paulo: Pinacoteca, MAM RJ, 1977.

BASBAUM, R. Arte Brasileira Contemporânea. Rio de Janeiro: 2001.

BELLUZZO, Ana Maria. Os Surtos Modernistas. in Modernidade: Vanguardas Artísticas na América Latina. São Paulo: Memorial UNESP, 1990.

BORNHEIM, Gerd et alli. Cultura Brasileira: Tradição e Contradição. RJ: Zahar, 1987.

BRITO, Ronaldo. A Semana de 22: o trauma do moderno. in Sete Ensaios sobre o Modernismo. Tolipan, Sérgio et alli. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.

COCCHIARELLE, Fernando e GEIGER, Anna Bella. Abstracionismo Geométrico e Informal: A Vanguarda brasileira dos anos 50. RJ: Funarte,

INAP col. Temas e Debates 5. 1987.

\_\_\_\_\_ Modernidade e Modernismo no Brasil. São Paulo: Mercado de Letras, 1994.

HERKENHOFF, Paulo F. A Arte Moderna no Brasil. In: Caminhos do Desenho Brasileiro, Catálogo MARGS, 1986.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LOPEZ, Luiz Roberto. Cultura Brasileira: das origens à 1908. Porto Alegre: UFRGS, 1988. \_\_\_\_\_ Cultura Brasileira: de 1908 ao Pré-Modernismo. Porto Alegre: UFRGS, 1988.

MOTA, Carlos Guilherme. Ideologia da Cultura Brasileira. São Paulo: Atica, 1985.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. Cultura é Patrimônio: um guia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

ORTIZ, Renato. Cultura Brasileira x Identidade Nacional. São Paulo: Brasiliense, 1986!

\_\_\_\_\_ A Moderna Tradição Brasileira: Cultura Brasileira e Indústria Cultural. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PONTUAL, Roberto. Arte Brasileira Contemporânea. Edições Jornal do Brasil, Rio de Janeiro: 1986.

ZANINI, Walter. História Geral da Arte no Brasil. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 1983.

ZÍLIO, Carlos. A Querela do Brasil: a questão da identidade brasileira, RJ: Funarte, 1982.

\_\_\_\_\_ Artes Plásticas: da Antropofagia à Tropicália. in O Nacional e o Popular

na Cultura Brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1983.

*Complementar:*

\_\_\_\_\_ Arte para que? São Paulo: Nobel, 1984.

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. Vanguardas. in Arte em Revista. São Paulo: CEAC. número 7- ano 5 - Ago/83.

BRITO, Ronaldo. O Moderno e o Contemporâneo (o novo e o outro novo). Rio de Janeiro. Funarte, 1980.

CANCLINI, Nestor Garcia. Narciso sin Espejos: la cultura visual después de la muerte del arte culto y el popular. in Porto & Vírgula. número 3, jul/ago 1991. p.26-30 e n.4 p. 25-30. Revista da Secretaria Municipal de Cultura.

CATTANI, Icléia. A produção artística no Brasil no período colonial e no século XIX. Revista de Estudos Ibero-Americanos. Vol.X, n. I Jul/Ago 1984. PUCRS.

CAVALCANTI, Bernardete. O Orientalismo no século XIX e a obra de Pedro Américo. in Gávea 5. RJ: abril 1988, p. 21-27.

DACANAL. J. H. Dependência, Cultura e Literatura. São Paulo: Ática, 1978.

DURAN, José Carlos. Arte, Privilégio e Distinção. São Paulo: Perspectiva, 1989.

FABRIS, Annateresa. Dossiê: Perfil de uma quase geração. Galeria Revista de Arte n.12, 1988. p.40-46.

FREIRE, Claudia. Poéticas do processo. São Paulo: Iluminuras, 1999.

GULLAR, Ferreira. Barroco: olhar e vertigem. in O Olhar. NOVAES, Adauto et al. São Paulo: Companhia das Letras 1988.

LOURENÇO, Maria Cecília França. Operários da Modernidade. São Paulo: HUCITEC-EDUSP, 1995.

MORAIS, Frederico. *Artes Plásticas na América Latina: do Transe ao Transitório*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

NAVES, Rodrigo. *A Forma Difícil*. São Paulo: Ática, 1996.

PEDROSA, Mário. *Mundo, Homem, Arte em Crise*. São Paulo: Perspectiva, 1985.

SCHWARTZ, Roberto. *Ao Vencedor as Batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

TASSINARI, Alberto. *O espaço moderno*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

VISUALIDADES: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual, Faculdade de Artes Visuais UFG V2, n2 (2004) Goiânia: UFG, FAV, 2004.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>História Platina</b>	5º	68h	4T

**EMENTA:**

A ocupação européia da região platina e as populações nativas. A fronteira colonial luso-hispânica. Formação dos estados nacionais e definição das fronteiras. Conflitos intercoloniais e internacionais na região do Prata. Agentes sociais, econômicos e políticos nos países do Prata nos séculos XIX e XX.

**BIBLIOGRAFIA:**

*Básica:*

BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*. Tomo III - Da Independência até 1870. São Paulo: Edusp, 2001.

GUTFREIND, Ieda; REICHEL, Heloisa Jochims. *As raízes históricas do MERCOSUL*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1996.

HEINSFELD, Adelar. *A Questão de Palmas entre Brasil e Argentina e o início da Colonização Alemã no Baixo Vale do Rio do Peixe – SC*. Joaçaba: Unoesc, 1996.

LUNA, Félix. *Breve história dos Argentinos*. Rio de Janeiro: Quartet, 1996.

RECKZIEGEL, Ana Luiza Gobbi Setti . *O pacto ABC: as relações Brasil-Argentina na década de 1950*. Passo Fundo: EDIUPF, 1996.

REICHEL, Heloísa Jochims & GUTTFREIND, Ieda. *As raízes históricas do Mercosul: a Região Platina colonial*. São Leopoldo: Unisinos, 1996.

*Complementar:*

CAMARGO, Fernando. *Britânicos no Prata: caminhos da hegemonia*. Série Ciência – História. Passo Fundo: Ediupf, 1996.

GARCIA, Emanuel Soares da Veiga. *O Comércio Ultramarino Espanhol no Prata*. Coleção Khronos 13. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.

GOLIN, Tau. *A Guerra Guaranítica: como os exércitos de Portugal e Espanha destruíram os Sete Povos dos jesuítas e índios guaranis no Rio Grande do Sul (1750-1761)*. Passo Fundo/Porto Alegre: EDIUPF/Editora da Universidade – UFRGS, 1998.

KERN, Arno Alvarez. *Utopias e Missões Jesuíticas*. Síntese Universitária – 40. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994.

MACHADO, Carlos. *Historia de los Orientales*. Tomo I: de la Colonia a Rivera y Oribe. Montevideo: Grupo Editor/Ediciones de la Banda Oriental, 1997.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Arqueologia e Acervos Museais</b>	6º	68h	4T
<p>EMENTA:</p> <p>Disciplina teórica que objetiva expor e debater a inter-relação entre os trabalhos de Arqueólogos e Museólogos, sua teorização e suas implicações curatoriais e expográficas, a partir de levantamentos históricos, conceituais e metodológicos, bem como de estudos de caso.</p>			
<p>BIBLIOGRAFIA:</p> <p><i>Básica:</i></p> <p>BOTTALLO, Marilúcia. Os museus tradicionais na sociedade contemporânea: uma revisão. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia n. 5, 1995: p. 283 a 287.</p> <p>BRUNO, Maria Cristina O. Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema. São Paulo: FFLCH - USP, 1995 (disponível em: <a href="http://cadernosociomuseologia.ulusofona.pt/Arquivo/sociomuseologia_I_22/Cadernos%2017%20-1999.pdf">http://cadernosociomuseologia.ulusofona.pt/Arquivo/sociomuseologia_I_22/Cadernos%2017%20-1999.pdf</a> , acesso em 27/02/2009).</p> <p>BRUNO; Maria Cristina O. et alii Um olhar museológico para a arqueologia: a exposição “pré-história regional” de Joinville, Santa Catarina. In Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia n. 1, São Paulo: MAE-USP, 1991: p.113 a 129.</p> <p>BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Formas de Humanidade: concepção e desafios da musealização. IN: Cadernos de Sociomuseologia. Lisboa: ULHT. 9, 1996a.</p> <p>BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museus de Arqueologia: uma história de</p>			

conquistadores, abandono e mudanças. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia n. 2, São Paulo: MAE-USP, 1996b: p. 293 a 313.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Difusão científica, musealização e processo curatorial: uma rede de possibilidades e desafios para os museus universitários*. São Paulo: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária - Universidade de São Paulo, 1999.

CERAVOLO, Suely; DEMARTINI, Célia Maria C. & SCATAMACCHIA, Maria Cristina M. A “Caverna do Ódio”: um exemplo de utilização social do sítio arqueológico. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia n. 2, São Paulo: MAE-USP, 1992: p. 115 a 121.

CURY, M. X. *Museologia e Filosofia : Dewey, Pessanha e Platão, Foucault e Habermas*. München : Museums-Pädagogisches Zentrum, 1999.

De BLASIS, Paulo A. D. & MORALES, Walter F. O Potencial dos acervos antigos: recuperando a coleção 030 do Museu Paulista. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia n. 7, São Paulo: MAE-USP, 1997: p. 111 a 131.

FIGUEIREDO DE CARVALHO, Pompeu. Patrimônio histórico e artístico nas cidades médias paulistas: a construção do lugar, in CARLOS; CRUZ & YÁZIGI (orgs.) Turismo – espaço paisagem e cultura. São Paulo: HUCITEC, 1996: p. 100 a 113.

FRONER, Yacy-Ara, Conservação Preventiva e Patrimônio Arqueológico e etnográfico: ética, conceitos e critérios. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia n. 5, São Paulo: MAE-USP, 1995: p. 291 a 301.

FRONER, Yacy-Ara, O trabalho de conservação e restauro do acervo destinado à exposição de longa duração do MAE: a preservação das *formas de humanidade*. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia n. 7, São Paulo: MAE-USP, 1997: p. 143 a 152.

FUNARI, P. P. A. *Arqueologia e Patrimônio*. Erechim: Habilis, 2007.

LIMA, Tania Andrade (org). *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* n. 33. Patrimônio Arqueológico: O desafio da preservação. Brasília, IPHAN, 2007.

MENESES, Ulpiano B. – O Discurso Museológico: um desafio para os Museus. IN: *Ciência em Museus* n.4: Belém: CNPq, 1992.

RAFFAINI, Patricia Tavares, *Museu Contemporâneo e os Gabinetes de Curiosidades*. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* n. 3, 1993: p. 159 a 164.

RENFREW, C. & BAHN, P. *Arqueología, Teorías, Métodos y Práticas* (trad.: M. Mosquera Rial). Madrid: Akal, 1993.

SARIAN, H. LEXICON ICONOGRAPHICUM MYTHOLOGIAE CLASSICAE, *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* n. 6, São Paulo: MAE-USP, 1996: p. 384 a 386.

*Complementar:*

BEARD, M. & HENDERSON, J. *Antigüidade Clássica – uma brevíssima introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

MENESES, Ulpiano B., Os “Usos Culturais” da Cultura – Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais, in CARLOS; CRUZ & YÁZIGI (orgs.) *Turismo – espaço paisagem e cultura*. São Paulo: HUCITEC, 1996: p. 88 a 99.

MENESES, Ulpiano B., *Preservação de Acervos Contemporâneos – problemas conceituais*. In *MAC Notícias 2006* (acesso em 16/11/2006, disponível em [www.macvirtual.usp.br/mac/arquivo/noticia/Ulpiano/Ulpiano.asp](http://www.macvirtual.usp.br/mac/arquivo/noticia/Ulpiano/Ulpiano.asp)).

SARIAN, H. *Corpus Vasorum Antiquorum (CVA)*. Classica, São Paulo, volume

II/I2, p. 349-363, 1998.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Arte e Cultura Latino-americana</b>	7º	68h	4T

**EMENTA:**

Análise crítica das correntes de pensamentos que influem na percepção da cultura latino-americana, e na construção de modelos de interpretação social, artístico e cultural. Estudo das diversas manifestações artístico-culturais na América Latina, do período colonial à contemporaneidade.

**BIBLIOGRAFIA:**

*Básica:*

ACHA, Juan. Arte y sociedad latino americana. El producto artístico y su estructura. México, FCE, 1961.

DEMBICZ, Andrzej, OLEJNICZAK, Dorota. **.El espacio en la cultura latinoamericana.** Salamanca/Espanha; Varsóvia: Universidade de Varsóvia/CESLA,1997.

MARTINS, Maria Helena(org.). Fronteiras culturais: Brasil, Argentina, Uruguai. São Paulo: Ateliê; Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 2002.

MORSE, Richard M. **O Espelho de Próspero: cultura e idéias nas Américas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

PRADO, Maria Lúcia Coelho. **América Latina no século XIX: tramas, telas e**

textos. São Paulo: Edusp,Edusc,1999

*Complementar:*

CERVO, Amado Luiz , RAPOPORT, Mário (org.). **História do Cone Sul.** Brasília/DF : UnB; Rio de Janeiro: Revan, 1998.

ZEA, Leopoldo(comp.). Fuentes de la cultura latinoamericana. México: Fondo de Cultura Económica, 1995. V I e 3

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>História da Ciência e Tecnologia</b>	5º	68h	4T

EMENTA:

Ciência e Técnica na Antiguidade e na Idade Média. O pensamento científico-tecnológico no contexto de formação e desenvolvimento do capitalismo até o século XIX. A Formação do Imaginário Científico na Literatura do Século XIX. Tecnologia e Industrialização no Brasil. Os Museus de ciências e tecnologia no Brasil.

BIBLIOGRAFIA:

*Básica:*

CAVELL, Stanley. En Busca de lo Ordinário. Cátedra, 2002.

CAVELL, Stanley; UPHAM, S. All we need is a paradigm. Pub Group West, 2008.

GRIBBIN, John. História da Ciência. Lisboa; R. de Janeiro: Edições Europa-América, 2005.

KOYRÉ, Alexandre. *Études d'Histoire de la Pensée Scientifique*. Paris: Gallimard, 1985.

KOYRÉ, Alexandre. *Do Mundo Fechado ao Universo Infinito*. Forense Universitária, 2006.

KUHN, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. S. Paulo, Perspectiva, 2002.

LAKATOS, Imre. *História da Ciência e suas Reconstruções Racionais*. Lisboa: Edições 70, 1998.

LAKATOS, Imre. *Historia de la Ciencia y sus reconstrucciones*. Madrid: Tecnos, 1999.

GUERRA, A.; BRAGA, M.; REIS, J. *Breve História da Ciência Moderna* (4 volumes). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MERLEAU-PONTY, M. *O olho e o espírito*. São Paulo: Cadsac Naify, 2004.

POINCARÉ, H.; RUSSELL, B.; MAITLAND, F. *Science and Method*. Dover Publications, 2003.

SACKS, Oliver. *Historia de la Ciencia y del Olvido*. Siruela, 1996.

*Complementar:*

FERRI, Mário Guimarães & MOTOYAMA, Shozo. **História das ciências no Brasil**. São Paulo, EPU/Edusp, 1979.

GALILEU GALILEI. *A mensagem das estrelas*. Rio de Janeiro, Museu de Astronomia e Ciências Afins, 1987.

RIVAL, Michael. *Os grandes experimentos científicos*. Rio, Jorge Zahar Editor, 1997.

SCHWARTZMAN, Simon. Formação da comunidade científica no Brasil. São Paulo, Editora Nacional/Finep, 1979.

SILVERS, Robert B. (org). Histórias esquecidas da ciência. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

SIQUEIRA, Ethevaldo. A sociedade inteligente. São Paulo, Editora Bandeirante, 1987.

SOBEL, Dava. A filha de Galileu. Um relato biográfico de ciência, fé e amor. São Paulo, Companhia das Letras, 2.000.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Seminário Temático</b>	Iº	68h	4T

EMENTA:

Seminários com tópicos específicos. Abordagem dinâmica das formas contemporâneas de Museu. Teoria museológica. Estudos de casos.

BIBLIOGRAFIA:

*Básica:*

BARRETO, Margarita. **Turismo e Legado Cultural**. São Paulo: Papyrus Editora, 2000

JEUDY, Piere. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

LE GOFF, Jacques (1985). **Documento/Monumento**. Enciclopédia Einaudi, Porto: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, v. I, p. 95-106.

*Complementar:*

**Cartas Patrimoniais**. Organizadora Isabelle Cury. Edições do Patrimônio. 2ª edição –

Rio de Janeiro, IPHAN, 2000.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Documentação Museológica</b>	2º	68h	2T + 2T

**EMENTA:**

Museus e documentação do patrimônio integral: sistemas de documentação/informação. Tesaurização. Formação, registro, classificação, catalogação, inventário de coleções. Manipulação de coleções. Inventário ambiental.

**BIBLIOGRAFIA:**

*Básica:*

BITTENCOURT, José Neves – A pesquisa como cultura institucional: objetos, política de aquisição e identidade nos museus brasileiros - : Museu Instituição de Pesquisa, MAST, RJ, 2005

CAMPO, Carmen Priego Fernandez del - El Sistema Informático de los Museos Municipales de Madrid

Candido, Maria Inez - Documentação Museológica

CARRENO, Francisco Javier Zubiaur- El museo como centro de investigacion. La necesidad de documentar las piezas en el museo. Tendencias documentales actuales, normalizacion y gestion integral del museo

CHAGAS, Mário – Em Busca do Documento Perdido: A Problemática da Construção Teórica na Área da Documentação. In: Museália, RJ, JC Editora, 1996

CHAGAS, Mário – Pesquisa Museológica - In: Museu Instituição de Pesquisa, MAST, RJ, 2005

COSTA, Carlos Alberto Santos – Proposta de Instrumento Documental Museológico Complementar para as Coleções Arqueológicas do MAE/UFBA

DODEBEI, Vera Lúcia Doyle – Construindo o Conceito de Documento. In: Memória e Construções de Identidades, RJ, 7 Letras, 2000

Ética de Aquisições – publicação do International Council of Museums

**FÉLIX**, Loiva Otero. Memória e Memória Histórica. In História e Memória – A Problemática da Pesquisa, EDIUPF, Passo Fundo, 1998

FERREZ, Helena Dodd – Documentação Museológica: Teoria para uma boa prática

FERREZ, Helena Dodd & Bianchini, Maria Helena S, Thesaurus para acervos museológicos

HAZEN, Dan C. – Desenvolvimento e Gerenciamento de Coleções

JUEGA, Maria Isabel Bravo – Documentacion o investigacion

Julião, Leticia – Pesquisa Histórica no Museu – In: Caderno de Diretrizes Museológicas I, Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, Belo Horizonte, 2002.

Kröptcke, Luciana Sepúlveda -Coleções que foram museus, museus sem coleções, afinal que relações possíveis? In : Museu Instituição de Pesquisa, MAST, RJ, 2005

LORD, Barry & LORD, Gail Dexter Manual de Gestión de Museos, Barcelona, 1998.

MORO, Fernanda de Camargo- Museu: Aquisição/Documentação

NASCIMENTO, Rosana – O objeto museal, sua historicidade: implicações na ação documental e na dimensão pedagógica do museu. Cadernos de Sociomuseologia –

Centro de Estudos de Sociomuseologia, II, ULHT, Lisboa, 1988.

Nascimento, Rosana Andrade – A ação documental museológica como salvaguarda das coleções

NOVAES, Lourdes Rego – Da organização do Patrimônio Museológico: refletindo sobre documentação museológica. In Museologia Social, SMC, Porto Alegre, 2000

RIBEIRO, Antonio Cláudio Lopes – As políticas de aquisição do MHN (1922x1996) In: Anais do MHN, n39, IPHAN, Rio de Janeiro, 2007.

SANTOS, Maria Célia T. Moura – Documentação museológica, educação e cidadania, In: Santos, Maria Célia – Repensando a Ação Cultural e Educativa dos Museus, Centro Editorial e Didático da UFBA, 1993.

Stránsky, Zbynek Z – Política Corrente de Aquisição e Adaptação às necessidades de Amanhã.

*Complementar:*

BLOM, Philip – Ter e Manter: uma história íntima de colecionadores e coleções, Record, RJ, 2003.

BOSI, Alfredo – Cultura como Tradição – RJ. Zahar, 1997.

BOSI, Ecléa – Cultura e Desenraizamento – In: Cultura Brasileira: Temas e situação – SP, Ática, 1987.

CANCLINI, Néstor Garcia – O Patrimônio Cultural e a Construção Imaginária do Nacional. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n23

CHAGAS, Mário – Memória e Poder: dois movimentos, RJ, 2000

CORRUCHAGA, José A. – Conocer, reconocer, acceder, ceder

FONSECA, Maria Cecília Londres – O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil. RJ, Ed. UFRJ; MINC/IPHAN, 2005

GARCIA, Marco Aurélio – Cultura e Política Cultural – ZH, 22/09/2002

GONÇALVES, José Reginaldo Santos – Teorias antropológicas e objetos materiais. In: antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios. Garamond, RJ, 2007.

LINS, Daniel – Memória, Esquecimento e Perdão (Per-Dom). In Memória e Construção de Identidades, RJ, 7 Letras, 2000.

OLIVEIRA, Ana Gita de – Salvaguarda do patrimônio cultural: bases para constituição de direitos

PEARCE, Susan – Pensando Sobre Objetos, In: Museu Instituição de Pesquisa, MAST, RJ, 2005

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Expografia I</b>	2º	68h	4T

**EMENTA:**

Planejamento de uma exposição. Fundamentação teórica do projeto. Estudo dos elementos compositivos da exposição: local, iluminação, circulação, informação, forma de exposição do objeto, identificação do objeto, circulação no local, segurança. O âmbito da exposição: planejamento e cronograma. A recepção ao visitante. Aplicação dos princípios estudados à elaboração do projeto.

**BIBLIOGRAFIA:**

*Básica:*

BELCHER, Michael. Organización y diseño de exposiciones: su relación con el museo. España: Ediciones Trea, 2.ed, 1997.

CURY, Marília Xavier. Exposição: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2006.

CURY, Marília Xavier. Marcos teóricos e metodológicos para recepção de museus e exposições. UNIrevista - Vol. I, nº 3 : (julho 2006) ISSN 1809-4651.

FERNANDÉZ, Luis Alonso. Museologia e Museografia. Barcelona: Ediciones del Serbal, 3. ed, 2006.

MESTRE, Joan S.; ANTOLÍ, Núria S. (orgs). Museografía didáctica. España: Ariel, 2005.

POLO, Maria Violeta. Destaques da expografia brasileira. PESQUISA EM DEBATE • Ano I • n. I • jul-dez 2004 • p. 57-62.

RIBEIRO, Maria das Graça. Inclusão Social em Museus. X Reunión de la Red de Popularización de la Ciência y la Tecnología em America Latina y el Caribe (RED POP – UNESCO) y IV Taller “Ciência, Comunicación y Sociedad” San José, Costa Rica, 9 al 11 de mayo, 2007.

*Complementar:*

DE LARA FILHO, Durval. Museu: de espelho do mundo a espaço relacional. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Área de concentração Cultura e Informação, Linha de pesquisa Mediação e Ação Cultural. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
Conservação e Preservação I	3º	68h	2T + 2P

EMENTA:

Conservação preventiva e reparadora de acervos. Análise, limpeza, reparação, conservação. Manutenção em reservas. Prevenção e segurança nos museus. Conservação de obras de arte em papel: gravuras, desenhos e aquarelas, obras de arte em tela e outros suportes.

BIBLIOGRAFIA:

*Básica:*

Caderno de Diretrizes Museológicas, Brasília: Ministério da Cultura/IPHAN/DEMU, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006, 2 ed.

DE PAULA, Teresa Cristina Toledo. Princípios de conservação e guarda. São Paulo: Museu Paulista/USP, 1999.

DINIZ, Wívian e SOUZA, Luiz Antônio Cruz. Manual de Conservação preventiva do patrimônio Cultural. Belo Horizonte: EBA/UFMG, IEPHA, 2002.

*Complementar:*

CALVO MANUEL, Ana. Conservación y Restauración Materiales, Técnicas y Procedimientos de la A a la Z. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1997.

MENDES, Marylka. SILVEIRA, Luciana da. BEVILAQUA, Fátima. e BAPTISTA, Antonio Carlos Nunes. (org.) Conservação: Conceitos e práticas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Expografia II</b>	3º	68h	2T + 2P

**EMENTA:**

Estudo de métodos e estratégias para implementação de exposições museológicas. A exposição como discurso. Contato com experiências de montagem de exposições.

**BIBLIOGRAFIA:**

*Básica:*

BELCHER, Michael. Organización y diseño de exposiciones: su relación con el museo. España: Ediciones Trea, 2.ed, 1997.

CURY, Marília Xavier. Exposição: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2006.

CURY, Marília Xavier. Marcos teóricos e metodológicos para recepção de museus e exposições. UNIrevista - Vol. I, nº 3 : (julho 2006) ISSN 1809-4651.

MESTRE, Joan S.; ANTOLÍ, Núria S. (orgs). Museografía didáctica. España: Ariel, 2005.

POLO, Maria Violeta. Destaques da expografia brasileira. PESQUISA EM DEBATE • Ano I • n. I • jul-dez 2004 • p. 57-62.

*Complementar:*

DE LARA FILHO, Durval. Museu: de espelho do mundo a espaço relacional. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Área de concentração Cultura e Informação, Linha de pesquisa Mediação e Ação Cultural. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

FERNANDÉZ, Luis Alonso. *Museologia e Museografia*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 3. ed, 2006.

RIBEIRO, Maria das Graça. *Inclusão Social em Museus*. X Reunión de la Red de Popularización de la Ciência y la Tecnología em America Latina y el Caribe (RED POP – UNESCO) y IV Taller “Ciência, Comunicación y Sociedad” San José, Costa Rica, 9 al 11 de mayo, 2007.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Tecnologia da Informação</b>	<b>3º</b>	68h	4T

**EMENTA:**

Hardware/software. Telecomunicações e redes. Sistemas operacionais, interfaces, aplicativos. Processamento de textos, planilhas. Elaboração eletrônica. Geração de produtos de informação em bibliotecas, arquivos e museus.

**BIBLIOGRAFIA:**

*Básica:*

ALBERTIN, Alberto Luiz ; Albertin, Rosa Maria de Moura. *Tecnologia de Informação e Desempenho Empresarial*. São Paulo: Atlas, 2005.

ALBERTIN, Alberto Luiz; ALBERTIN, Rosa Maria de Moura. *Aspectos e contribuições do uso de tecnologia de informação*. São Paulo: Atlas, 2006.

AUDY, Jorge L. N.; BRODBECK, Ângela F. *Sistemas de Informação: planejamento e alinhamento estratégico nas organizações*. Porto Alegre: Bookman, 2003.

BOGHI, Claudio; SHITSUKA, Ricardo. *Sistemas de Informação: um enfoque dinâmico*. 3 ed. São Paulo: Erika, 2002.

MANAS, Antonio V. Administração de Sistemas de Informação. 7 ed. São Paulo: Futura, 2003.

MCGEE, James.; PRUSACK, Laurence. Gerenciamento Estratégico da Informação. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

*Complementar:*

ROSSINI, Alessandro M.; PALMISANO, Ângelo. Administração de sistemas de informação e a gestão do conhecimento. São Paulo : Thomson, 2003.

STAIR, Ralph M.; REYNOLDS, George W. Princípios de sistemas de informação. 5 ed. São Paulo : Thomson, 2005.

VIEIRA, Marconi F. Gerenciamento de projetos de tecnologia da informação. 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2006.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Conservação e Preservação II</b>	4º	68h	2T + 2P
<p>EMENTA:</p> <p>Conservação de cerâmica e vidro; de materiais fotográficos; de prata e de outros materiais polidos; de coleções de vestuário e acessórios; de arquivos e objetos efêmeros; de acervos de materiais plásticos; conservação de têxteis planos; de materiais magnéticos e digitais; conservação de livros; de mobiliários; de instrumentos musicais; de espécimes de história natural. Materiais para conservação.</p>			
<p>BIBLIOGRAFIA:</p> <p><i>Básica:</i></p>			

Drumond, Maria Cecília de Paula. Prevenção e conservação em museus. In: **Cadernos de Diretrizes Museológicas I**. Brasília: MinC/ IPHAN/Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006. 2ª Edição.

The Council for Museums, Archieves and Libraries. **Parâmetros para conservação de acervos/ Resource: The Council for Museums, Archieves and Libraries**. São Paulo: Edusp/ Fundação Vitae, 2004. (Museologia. Roteiros Práticos 5). Disponível em [http://www.usp.br/cpc/vI/imagem/download\\_arquivo/roteiro5.pdf](http://www.usp.br/cpc/vI/imagem/download_arquivo/roteiro5.pdf). Acessado em 10/09/2008.

The Council for Museums, Archieves and Libraries. **Conservação de Coleções/ The Council for Museums, Archieves and Libraries**. São Paulo: Edusp/ Fundação Vitae, 2004. (Museologia. Roteiros Práticos 9). Disponível em [http://www.usp.br/cpc/vI/imagem/download\\_arquivo/roteiro9.pdf](http://www.usp.br/cpc/vI/imagem/download_arquivo/roteiro9.pdf). Acessado em 10/09/2008

*Complementar:*

**Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, nº 31, Museus. Brasília: IPHAN, 2006.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Comunicação em Museus</b>	4º	68h	2T + 2P

EMENTA:

Museus, educação, comunicação. Estudo das metodologias de interpretação do real e sua adequação aos códigos de percepção das sociedades-alvo. Teorias da exposição.

Pesquisa temática para exposição. Pesquisa temática para exposição curricular.

#### BIBLIOGRAFIA:

##### *Básica:*

ALMEIDA, Adriana. Modelos de comunicação aplicados aos estudos de público de museus. **Revista. Ciências Humanas**, Taubaté, v.9, n.2, p.137-145, jul-dez 2003.

CURY, Marília Xavier Cury. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

GIRAUDY, Danièle e BOUILHET, Henry. **O museu e a vida**. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Porto Alegre: Instituto Nacional do Livro; Belo Horizonte: UFMG, 1990.

MEADOWS, A J. **A Comunicação Científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

VARINE-BOHAN, H. – Museus e Desenvolvimento Local: um balanço crítico. IN: **Museus como Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento**: São Cristóvão, Museu de Arqueologia de Xingó, 2008.

##### *Complementar:*

ARAUJO, Marcelo; BRUNO, Cristina. **A memória do pensamento contemporâneo**. Documentos e Depoimentos. Comitê Brasileiro do ICOM, 1995

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. O objeto de estudo da Ciência da Informação: paradoxos e desafios. **Ciência da Informação**. Brasília, v.19, n.2, p.117-122, jul./dez. 1990.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Arquitetura de Museus</b>	4º	68h	4T

**EMENTA:**

Introdução à História da Arquitetura. História das várias tipologias de museus, desde a Antigüidade até os dias de hoje. O Museu na estrutura urbana contemporânea. Materiais e técnicas na construção de espaços destinados à produção cultural. Estudo das metodologias e técnicas para iluminação de museus. Análise de casos. Elaboração de projeto luminotécnico para exposições. Conforto ambiental.

**BIBLIOGRAFIA:**

*Básica:*

ARAÚJO, Marcelo Mattos e BRUNO, Maria Cristina Oliveira (orgs). A Memória do Pensamento Museológico Contemporâneo. Comitê Brasileiro do ICOM. 1995

BECHTEL, Robert B.. Environment and Behavior: An introduction. California. Sage Publications, 1997. BITTENCOURT, Dóris Maria M. de. "Novos Museus, da Cultura do Recolhimento à Cultura do Efêmero". in: Estudos Ibero-Americanos. Porto Alegre. PUCRS, v.XX, n.2, p. 85-105, 1994

CONDE, Luiz Paulo (orientador). Dois Séculos de Arquitetura Museal. in Ópera Prima Rio de Janeiro. São Paulo, Projeto Editores, 1991, p-48/49.

PEVSNER, Nikolaus. Historia de las Tipologias Arquitectonicas. Barcelona: Gustavo Gili, 1979

POLLY, Vânia. A arquitetura dos museus no centro do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. PROARQ/FAU/UFRJ.

ZEIN, Ruth Verde. "Museus em Sete Versões". in Revista Projeto n.144. São Paulo.

\_\_\_\_\_. "Duas décadas de arquitetura de museus". in Revista Projeto n.I44. São Paulo.

*Complementar:*

ALOI, Roberto. Musei Architectura Technica. Milano. Hoepli Editore, 1962.

COSTA, Lucio. Registro de uma Vivência. São Paulo: Empresa das Artes/UnB, 1995.

MONTANER, Josep Maria. "Museu Contemporâneo: Lugar e Discurso". in Revista Projeto n.I44. São Paulo.

\_\_\_\_\_, Josep Maria. Oliveras, Jordi. Los Museos de la Última Generación. Barcelona. Editorial Gustavo Gili, 1986.

LEON, Aurora. El museo: Teoría, praxis e utopía. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Iconografia</b>	5º	68h	4T

**EMENTA:**

Conceituação e diferenciação das formas de representação visual, caracteristicamente bidimensionais. Estudo das formas bidimensionais na sua condição de obra e/ou documento. Desenvolvimento das imagens técnicas e geração de arquivos e acervos de imagens técnicas. Conceituação das formas de representação visual tridimensionais. A representação visual em objetos. Estudo das formas tridimensionais na sua condição de obra e/ou documento.

**BIBLIOGRAFIA:**

*Básica:*

ARAÚJO, Emanuel. (Org.). **A Mão do Negro na Arte Brasileira**. I ed. Brasília: Ministério das Relações Exteriores Imprensa Nacional, 1988.

COLI, Jorge. **Como estudar a arte brasileira do século XIX?** São Paulo: SENAC, 2005.

FRANCASTEL, Pierre. **A realidade figurativa**. S. Paulo: Perspectiva, 2002.

GALARD, Jean (ed.) **RUPTURES – de la discontinuité dans la vie artistique**. Paris: Louvre/ENSBA, 2002.

KANDINSKY, Wassily. **Gramática da Criação**. Lisboa: Edições 70, 2008.

MARQUES, L. (Org.). **A Constituição da Tradição Clássica**. I. ed. São Paulo: Hedra, 2004. v. I. 324 p.

MUNARI, Luiz A. **O Costume da Arte**. Editora FUPAM, 2002.

PANOFSKY, Erwin. **A Caixa de Pandora**. S. Paulo: Cia das Letras, 2009.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998. 353 p.

RIEGL, Alois. **Grammaire Hist. Des Arts Plastiques**. Klincksieck, 2003 (ISBN: 2252034157).

WOLFFLIN, H. **Conceitos Fundamentais Da Historia Da Arte - O Problema Da Evolução De Estilos Na Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

REAU, Louis. **Iconografia del Arte Cristiano**. 5 vols. SERBAL, 1998 (ISBN: 8476281641).

*Complementar:*

ANDRE, C.; JUDD, D.; DE KOONING, W. **Against Kandinsky**. Hatje Cantz, 2007.

ARANHA, Carmen. **Exercícios do olhar**. São Paulo: UNESP, 2008 (ISBN:

8571398089).

BENJAMIN, Walter. **Arcades Project**. Cambridge (MA): Harvard University Press, 2002.

CARMONA MUELA, Juan. **Iconografia Classica**. AKAL EDICIONES, 2008.

CARMONA MUELA, Juan. **Iconografia Cristiana**. AKAL EDICIONES, 2008.

COLI, Jorge. **Ponto de Fuga**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FRANCASTEL, Pierre. **Arte e técnica nos séculos XIX e XX**. Lisboa: Livros do Brasil, 1983 (ISBN: 9723800527).

GOMBRICH, Ernest. **A História da Arte**. 16ª. ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Livros Técnico e Científicos Editora, 1999. 688 p.

MARQUES, L. **Trinta Mestres da Pintura no Brasil**. São Paulo: Takano/Masp, 2001. v. I. 230 p.

PANOFSKY, Erwin. **Estudos de Iconologia**. Lisboa: ed. ESTAMPA, 1995.

RIEGL, Alois. [Le Culte Moderne des Monuments. Paris: Seuil, 1984 \(ISBN: 2020068214 \).](#)

RIEGL, Alois. [Problems Of Style: Foundations For A History. Princeton: Princeton University Press, 1993.](#)

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Prática em Museus I</b>	5º	68h	2T + 2P

EMENTA:

Supervisão, debate e orientação acerca de atividades museológicas gerais e específicas, tais como identificação, análise e documentação de acervos, realizadas em museus ou

espaços correlatos.

**BIBLIOGRAFIA:**

*Básica:*

JULIÃO, Letícia. Pesquisa histórica no museu.

FALCÃO, Douglas. A interatividade nos museus de ciências – Mesa Redonda. In: **IV Reunião da Rede de Popularização da Ciência e Tecnologia na América Latina e no Caribe (RED-POP)**, Rio de Janeiro, 1999.

TOJAL, Amanda. Museu e inclusão social. In: **Políticas Públicas Culturais de Inclusão de Públicos Especiais em Museus**. São Paulo, 2007.

*Complementar:*

DRUMOND, Maria Célia P. Prevenção e conservação em museus. **Caderno diretrizes** – 6ª parte.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Prática em Museus II</b>	6º	68h	2T + 2P

**EMENTA:**

Elaboração de projeto de exposição museológica.

**BIBLIOGRAFIA:**

*Básica:*

CURY, Marília Xavier . Exposição - Concepção, Montagem e Avaliação. I. ed. São Paulo: Annablume, 2006. v. I. 162 p.

Museums and Galleries Commission. Planejamento de Exposições. Tradução de Maria Luiza Pacheco Fernandes. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Vitae, 2001. (Série Museologia, 2).

*Complementar:*

BRASIL, Ministério da Educação; UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (Salvador, Bahia); MUSEU AFRO-BRASILEIRO( Salvador,Bahial). Projeto de implantação de exposição de longa duração e dinamização cultural do Museu Afro-Brasileiro. Salvador, 1998. 11 p.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Gestão de Museus</b>	6º	68h	4T

EMENTA:

Noções de gerenciamento de museus e de coleções museológicas; análise das legislações nacionais e internacionais que regem as práticas museológicas de aquisição, salvaguarda e comunicação de acervos; os códigos de conduta ética dos profissionais de museus. Estudo e análise de “Planos e Programas museológicos” em instituições com natureza de museu, públicas e privadas; composição dos recursos humanos e estruturação espacial das coleções, assim como os procedimentos para efetuar os seus deslocamentos internos e externos. Noções básicas de adequação dos espaços para a acessibilidade dos mais diversos públicos. Princípios de segurança física e informacional das coleções que compõem os museus.

BIBLIOGRAFIA:

*Básica:*

BRASIL, Ministério da Cultura. Bases para a Política Nacional de Museus, 2003. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/politicas/museus/index.html>. Acesso em: Out. 2005

CADERNOS DE ENSAIOS. Rio de Janeiro: MinC, IPHAN, n. 1-2, 1992-1994

DAVIES, Stuart. Plano Diretor. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação Vitae, 2001. – (Série Museologia, I)

GIRAUDY, Daniele; Bouilhet, Henri. O Museu e a Vida. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Belo Horizonte: UFMG, 1990.

MASON, Thimoty. Gestão Museológica: Desafios e Práticas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: British Council : [Fundação] Vitae, 2004. (Série Museologia n, 7)

SERRA, Filipe Mascarenhas. Práticas de gestão nos museus portugueses. Lisboa: Universidade Católica Editorial, 2007, 208p.

SEGURANÇA DE MUSEUS, Resource: The Council for Museums, Archives and Libraries - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: VIITAE, 2003. - (Série Museologia: roteiros práticos; 4);

*Complementar:*

Código de Ética para Museus do ICOM (Conselho Internacional De Museus). Disponível em: [http://www.icom.org.br/codigo\\_etica\\_port.pdf](http://www.icom.org.br/codigo_etica_port.pdf)

Código de Ética Profissional do Museólogo – Cofem 1992. Disponível em: [http://www.cofem.org.br/legislacao/leg\\_codigo.htm](http://www.cofem.org.br/legislacao/leg_codigo.htm)

Lei 7.287, de 1984 – Regulamentação da profissão de Museólogo. Disponível em: [http://www.cofem.org.br/legislacao/leg\\_regul.htm](http://www.cofem.org.br/legislacao/leg_regul.htm)

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Ação Cultural e Educação em Museus</b>	6º	68h	2T+ 2P

EMENTA:

Definição de patrimônio cultural, abordando seus aspectos conceituais, institucionais e legais. A Educação patrimonial no Brasil: seu desenvolvimento. Metodologia de educação patrimonial. Conhecimento empírico de diferentes experiências de educação patrimonial. Prática: observação de ações educativas aplicadas em museus da região. Prática: proposta, aplicação e avaliação de pequenos experimentos em educação patrimonial.

BIBLIOGRAFIA:

*Básica:*

Azevedo, Maria do Rosário Palma de Melo.(s/d). *Dinâmicas de Aprendizagem nos Museus: A Mediação*. Cópia

Chagas, Mário. (1996a). *Museália*. Rio de Janeiro: JC Editora.

Faria, Margarida Lima de. (Julho 2000). *Educação – Museus – Educação*. Projecto: Museus e Educação. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional,

Menezes, Ulpiano Bezerra de. (jan/jun 2000). *Educação e Museus: sedução riscos e ilusões*. In: Ciências e Letras, n 27. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras.

Santos, Maria Célia T. Moura. (jan/jun 2008). *Encontros Museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu*. Rio de Janeiro: MINC/IPHAN/DEMU.

Santos, Maria Célia T. Moura. (jan/jun 2002). *Museu e Educação: conceitos e métodos*. In: Ciências e Letras, n 31. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras.

Santos, Maria Célia T. Moura. (jan/jun 2000). *Estratégias Museais e Patrimoniais Contribuindo para a qualidade de vida dos cidadãos: diversas formas de musealização*. In: Ciências e Letras, n27. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras.

*Complementar:*

MUSAS - Revista Brasileira de Museus, nI, 2 e 3 Rio de Janeiro, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n 3I, Rio de Janeiro, 2005.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Prática em Museus III</b>	7º	68h	2T + 2P

EMENTA:

Implementação de exposição curricular, desenvolvida a partir do projeto aprovado em “Prática em Museus II”.

BIBLIOGRAFIA:

*Básica:*

D'ALAMBERT, Clara Correia; MONTEIRO, Marina Garrido. **Exposição:** materiais e técnicas de montagem. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990. Instituições Depositárias: Biblioteca Noronha Santos - [IPHAN](#) / Biblioteca Nacional - [BN](#) / [Bibliotecas do SIBI - USP](#).

*Complementar:*

CURY, Marília Xavier . *Exposição - Concepção, Montagem e Avaliação*. I. ed. São

Paulo: Annablume, 2006. v. I. 162 p.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Seminário de Projeto</b>	7º	68h	4T

**EMENTA:**

A construção do objeto; construindo o texto científico; as etapas da pesquisa; categorias de análise e referencial teórico. Elaboração de projeto de TCC

**BIBLIOGRAFIA:**

*Básica:*

BEAUD, Michel. Arte da tese: como preparar e redigir uma tese de mestrado, uma monografia ou qualquer outro trabalho universitário (tradução de Glória de Carvalho Lins). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

ECO, Umberto. Como se faz uma tese: metodologia. São Paulo: Perspectiva, 1986.

INACIO FILHO, Geraldo. A monografia na universidade. Campinas: Papyrus, 1995.

SEVERINO, Antônio J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 1994.

PORTER, R. et alii. The Cambridge History of Science (7 volumes). Cambridge Un. Press, 2003

POINCARÉ, H. Ensaios Fundamentais. Contraponto editora, 2008.

MORELLI, Giovanni. *Della Pitt. It. - Studi Storico-Critici*. Adelphi, 2001 (ISBN: 8845908658).

*Complementar:*

FEYERABEND, Paul. *A Conquista da Abundância*. Ed. UNISINOS, 2006 (ISBN: 857431272x).

HOWARD, S.; ROBERT, N. *After Popper, Kuhn and Feyerabend*. Kluwer Academic, 2002 (ISBN: 1402002467).

KUHN, T. S. *Caminho Desde A Estrutura, O - Ensaio Filosófico: 1970-1993, Com Uma Entrevista Autobiográfica*. São Paulo: UNESP, 2006.

LAKATOS, I.; MOTTERLINI, M.; FEYERABEND, P. *For and Against Method*. Chicago: Chicago University Press, 2000.

POPPER, K. R. *Conjecturas e Refutações*. Lisboa: Almedina, 2003.

POPPER, K. R. *Em busca de um mundo melhor*. Martins Editora, 2006 (ISBN: 8599102303).

RIZZI, Christina. *Beyond the exhibition: a reflection about museological communication*. Paris : Comité International de ICOM pour la Muséologie, 1997.

SAUSSURE, F. De, *Curso de Linguística Geral* (trad.: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein). São Paulo: Cultrix, 2008.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
TCC	8º	136h	8P

**EMENTA:**

Elaboração de uma monografia em nível de graduação, abordando temas referentes às áreas da museologia

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Estágio</b>	8º	204h	12P
<p>EMENTA:</p> <p>Estágio supervisionado em museus ou instituições afins. Aprofundamento das teorias debatidas a partir de suas aplicações segundo critérios de pertinência e adequação, tendo em vista tópicos específicos da atividade museológica.</p>			

## II. Formação Complementar

### *Disciplinas optativas*

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Leitura e Produção de Textos</b>	Iº	68h	4T
<p>EMENTA:</p> <p>Texto e textualidade: coerência e coesão.</p>			
<p>BIBLIOGRAFIA:</p> <p><i>Básica:</i></p> <p>BLINKSTEIN, I. Técnicas de comunicação escrita. São Paulo: Ática, 1995.</p> <p>ECO, U. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 1985.</p> <p>FÁVERO, L. L. Coesão e coerência textuais. São Paulo: Cortez, 1983.</p> <p>GARCEZ, L. H. C. Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever. São</p>			

Paulo: Martins Fontes, 2001.

*Complementar:*

CALKINS, L. M. A arte de ensinar a escrever. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FÁVERO, L. L. & KOCH, I. Lingüística textual: leitura e redação. São Paulo: Cortez, 1983.

FIORIN, L. J. & PLATÃO, F. S. Lições de texto: leitura e redação. São Paulo: ÁTICA, 1990.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Língua Estrangeira Instrumental - Inglês</b>	Iº	68h	4T

EMENTA:

Desenvolvimento de estratégias de leitura em inglês como língua estrangeira, com ênfase em elementos e recursos lingüísticos intertextuais que contribuam para a compreensão de tipos diversos de textos como unidades de sentido.

BIBLIOGRAFIA:

*Básica:*

CORACINI, M. O jogo discursivo na aula de leitura língua materna e língua estrangeira. Campinas: Pontes, 1995.

JOUVE, V. A leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

KLEIMAN, A. Texto e leituras: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 1992.

*Complementar:*

McCARTHY, M. Discourse analysis for language teachers. Cambridge University Press, 1991.

NUNAN, D. Reading: a discourse perspective. Language teaching methodology.

Phoenix ELT, 1995.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Fundamentos de Latim</b>	3º	34h	2T

**EMENTA:**

Gramática básica do latim clássico: morfologia nominal e iniciação à morfologia verbal, princípios de sintaxe. Leitura, tradução e análise de textos didáticos em latim.

**BIBLIOGRAFIA:**

*Básica:*

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Gramática latina: curso único e completo. São Paulo: Saraiva, 2000.

CARDOSO, Zélia de Almeida. Iniciação ao latim. São Paulo: Ática, 2000.

COMBA, Júlio. Programa de latim. Introdução à língua latina. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1999

*Complementar:*

SILVA, Amós Coelho da & MONTAGNER, Aírto Ceolin. Dicionário latino português. 2 ed. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2007

A. Gomes Ferreira, Dicionário de Latim-Português, Porto, Porto Editora, s.d.  
Dicionário

A. Gomes Ferreira, Dicionário de Português-Latim, Porto, Porto Editora, 1976  
Dicionário

António Freire S.J., Gramática Latina, Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia, 1987

Gramática

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Acervos de Registros Sonoros</b>	3º	51h	3T
<p>EMENTA:</p> <p>Oralidade, tradição e história; narrativas, documentos orais, técnicas de coleta, classificação e arquivamento; acervos musicais, formas de classificação, catalogação e acondicionamento.</p>			
<p>BIBLIOGRAFIA:</p> <p><i>Básica:</i></p> <p>BENJAMIN, Walter. "O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov", em <i>MAGIA E TÉCNICA, ARTE E POLITICA</i>,. São Paulo: Brasiliense, 1986, pp. 197-221.</p> <p>BOM MEIHY, José Carlos Sebe(org.). (RE)INTRODUZINDO HISTÓRIA ORAL NO BRASIL, São Paulo: Xamã, 1996.</p> <p>BOM MEIHY, José Carlos Sebe. <i>MANUAL DE HISTÓRIA ORAL</i>, São Paulo: Loyola, 1996.</p> <p>BOSI, Ecléia. <i>MEMÓRIA E SOCIEDADE; Lembrança de velhos</i>. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.</p> <p>BRANDÃO, Carlos Rodrigues(org.). <i>As Faces da Memória</i>. Campinas: Centro de Memória da UNICAMP, 1996.</p> <p>BURKE, Peter &amp; PORTER, Roy (org.). <i>LINGUAS E JARGÕES</i>. São Paulo. UNESP. 1995.</p> <p>CERTEAU, Michel de. <i>A INVENÇÃO DO COTIDIANO: ARTES DE FAZER</i>. Petrópolis: Vozes, vol I, 1994; vol. 2 1996</p>			

CHARTIER, Roger . A HISTÓRIA CULTURAL ENTRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES. Lisboa/Brasil: Difel/Bertrand, 1990

DAVIS, Natálie Zemon. Culturas do Povo. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO. O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo:SMC, 1992

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina (orgs.) USOS E ABUSOS DA HISTÓRIA ORAL. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

HISTÓRIA Y FUENTE ORAL. Revista semestral del Seminario de História Oral del Departamento de História Contemporáneo de lá Universidad de Barcelona y del Arxiu Històrc da Ciutat Barcelona, Espanha.

LE GOFF, Jaques, e ots. ENCICLOPÉDIA EINAUDI, vol. I: MEMÓRIA-HISTÓRIA., Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994.

NORA, Pierre. “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”, em Projeto-História, 1q, dez. 1993, São Paulo, EDUC, pp. 7-28.

OLSON, david R. & TORRANCE, Nancy. CULTURA ESCRITA E ORALIDADE, São Paulo, Ática, 1995.

POLLAK, Michel. “Memória, esquecimento, silêncio”, em ESTUDOS HISTÓRICOS. Rio de Janeiro: CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, vol. 2, n.3, 1989.

POLLAK, Michel. “Memória, identidade social”, em ESTUDOS HISTÓRICOS. Rio de Janeiro: CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. “A filosofia e os fatos, narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”, em TEMPO, Revista do Departamento de História da UFF, n. 2, dez. 1996, pp. 53-72.

THOMPSON, Paul. A VOZ DO PASSADO: história oral. São Paulo: Paz e Terra,

1992

VIDAL, Diana Gonçalves "De Heródoto ao Gravador: História da História oral" em CENTRO DE MEMÓRIA UNICAMP, RESGATE, N. 1, CAMPINAS: UNICAMP, 1990, pp.77-82

*Complementar:*

Cadernos de Diretrizes Museológicas I. Brasília: MinC/ IPHAN/Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006. 2ª Edição.

Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 31, Museus. Brasília: IPHAN, 2006.

The Council for Museums, Archives and Libraries. Conservação de Coleções/ The Council for Museums, Archives and Libraries. São Paulo: Edusp/ Fundação Vitae, 2004. (Museologia. Roteiros Práticos 9). Disponível em [http://www.usp.br/cpc/v1/imagem/download\\_arquivo/roteiro9.pdf](http://www.usp.br/cpc/v1/imagem/download_arquivo/roteiro9.pdf). Acessado em 10/09/2008

The Council for Museums, Archives and Libraries. Parâmetros para conservação de acervos/ Resource: The Council for Museums, Archives and Libraries. São Paulo: Edusp/ Fundação Vitae, 2004. (Museologia. Roteiros Práticos 5). Disponível em [http://www.usp.br/cpc/v1/imagem/download\\_arquivo/roteiro5.pdf](http://www.usp.br/cpc/v1/imagem/download_arquivo/roteiro5.pdf). Acessado em 10/09/2008.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Ecologia</b>	5º	34h	2T
<p>EMENTA:</p> <p>Conceito. Origem e evolução da vida no planeta Terra. Ciclos de energia. Cadeias alimentares. Ecossistemas brasileiros.</p>			
<p>BIBLIOGRAFIA:</p> <p><i>Básica:</i></p> <p>BEGON, M., TOWSNEND, C. R. &amp; HARPER, J. L. Ecologia: de indivíduos a ecossistemas. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.</p> <p>DAJOZ, R. Princípios de ecologia. 7ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.</p> <p>RICKLEFES, R. E. A Economia da Natureza. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.</p> <p>TOWNSEND, C. R., BEGON, M. &amp; HARPER, J. L. Fundamentos em Ecologia. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006</p> <p><i>Complementar:</i></p> <p>EDWARDS, P. J. &amp; WRATTEN, S. D. Ecologia das interações entre insetos e plantas. Série Temas de Biologia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981.</p> <p>ERLICH, P. O mecanismo da natureza. Rio de Janeiro: Campus, 1994.</p> <p>JANZEN, D. H. Ecologia vegetal nos trópicos. Série Temas de Biologia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.</p> <p>KREBS, J. C. Ecologia: Análisis experimental de la distribución y abundancia. Madrid: Pirâmide, 1986.</p> <p>MILLER, J. R. Ciência Ambiental. São Paulo: Thomson Learning, 2007.</p> <p>ODUM, E.P. &amp; BARRETT, G.W. Fundamentos de Ecologia. 5ª ed. São Paulo:</p>			

Thomson Learning, 2007

PIANKA, E. R. *Evolutionary Ecology*. 5 th ed. New York: Harper Collins College Publishers, 1994.

PINTO-COELHO, R. M. *Fundamentos em Ecologia*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

WILSON, E. O. *Diversidade da vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Arte Decorativa</b>	4º	34h	2T

**EMENTA:**

Conceitos teóricos: as artes decorativas enquanto espaço de síntese. O binômio "artes menores"/"artes maiores". Os grandes temas das artes decorativas e sua interrelação com as "artes maiores".

**BIBLIOGRAFIA:**

*Básica:*

ARTE do artesanato brasileiro. São Paulo: Talento, v. I.

BETE, V. Vidro arte. São Paulo: [s.n.], 2004.

NOVA Enciclopédia Barsa. São Paulo: Barsa, 2005. p. 80-92.

*Complementar:*

A. VV. – História das Artes Plásticas (coleção sínteses da cultura portuguesa – Europália 91), Lisboa, INCM, 1991;

Artes plásticas e artes decorativas: normas gerais: org Instituto Português de Museus, 2 ed. ver. Lisboa, 2000;

Helder CARITA e Homem CARDOSO- Oriente e Ocidente nos Interiores em Portugal, Lisboa, Livraria Civilização Editora, s.d.;

João CASTEL-BRANCO (dir.) – Arte efêmera em Portugal, Lisboa, Museu

Gulbenkian, 2000-2001;  
 José MECO, O Azulejo em Portugal, Lisboa 1989.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Paleontologia</b>	7º	51h	3T

**EMENTA:**

Conceitos fundamentais em Paleontologia e suas aplicações nos museus. Origem e evolução (macroevolução) da vida na Terra. Fósseis como indicadores paleoambientais e geocronológicos. Legislação ambiental relacionada à Paleontologia

**BIBLIOGRAFIA:**

*Básica:*

Holz, Michael; *et al.* 2000. **Paleontologia do rio Grande do Sul**. UFRGS ed. 398p.

Benton, J. Michael. 2008. **Paleontologia de Vertebrados**. Atheneu. São Paulo, 446p.

*Complementar:*

Daniel, Perea. 2008. **Fósiles de Uruguay**. DIRAC ed., Montevideo, Uruguai. 346p.

Carol, Robert. 1988. **Vertebrate Paleontology and Evolution**. Freeman and Company ed., New York.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Turismo Cultural</b>	7º	51h	3T

**EMENTA:**

O turismo como fenômeno cultural. A experiência turística na cultura contemporânea e suas relações com o fenômeno museístico. Análises das relações entre turistas e culturas

locais. Turismo, etnicidade e identidade. Turismo e legado cultural material e imaterial.

#### BIBLIOGRAFIA:

##### *Básica:*

BARBOSA, Ycarim Melgaço. O despertar do turismo. São Paulo: Aleph, 2001.

BARRETTO, M. Planejamento e organização em turismo. 5 ed. Campinas: Papirus, 2000.

CRUZ, Rita de Cássia. Política de Turismo e Território. São Paulo: Contexto, 2000.

HALL, Colin Michael. Planejamento Turístico. São Paulo: Contexto, 2001.

PELLEGRINI FILHO, Américo. Ecologia, Cultura e turismo. Campinas: Papirus, 1993.

PETROCCHI, Mario. Turismo: planejamento e gestão. SP: Ed. Futura, 2000.

REJOWSKI, Mirian. Turismo e pesquisa científica. Campinas: Papirus, 1996.

RODRIGUES, Lúcio Martins. Manual do turismo brasileiro. São Paulo: Aleph, 2000.

RUSCHMAN, Doris. Turismo e planejamento sustentável. 4. ed. Campinas: Papirus, 1999.

THEOBALD, William F. e CAPOVILLA, Anna Maria. Turismo Global. São Paulo: SENAC, 2001.

##### *Complementar:*

BENI, Mario Carlos. Análise estrutural do turismo. São Paulo, editora SENAC, 1998.

CRUZ, Rita de Cássia. Política de turismo e território. São Paulo: Contexto, 2001.

DENCKER, Ada F. Maneti. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo. São Paulo: Futura, 1998.

DIAS, Reinaldo. Planejamento do Turismo: política e desenvolvimento do turismo no

Brasil. São Paulo: Atlas, 2003.

IGNARRA, Luiz Renato. Fundamentos do Turismo. 2ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Pioneira, 2003.

MAGALHÃES, Luiz Edmundo. A questão ambiental. São Paulo: Terragraph, 1994.

MARQUES, Maria Ângela e BISSOLI, Ambrizi. Planejamento Turístico Municipal com suporte em sistemas de informação. São Paulo: Futura, 2000.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Metodologia da Pesquisa Científica</b>	6º	68h	4T

**EMENTA:**

Disciplina de introdução aos estudos de metodologia científica fundamentados no amplo debate entre diferentes posturas epistemológicas contemporâneas; aplicação e crítica do método científico nas ciências humanas, em especial na Museologia e em suas áreas afins.

**BIBLIOGRAFIA:**

*Básica:*

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Difusão científica, musealização e processo curatorial: uma rede de possibilidades e desafios para os museus universitários*. São Paulo: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária - Universidade de São Paulo, 1999.

CURY, M. X. *Discussing about the principles of museological evaluation*. Rio de Janeiro : Casa de Rui Barbosa, 1998.

CURY, M. X. *Museologia e Filosofia : Dewey, Pessanha e Platão, Foucault e Habermas*. München : Museums-Pädagogisches Zentrum, 1999.

- CURY, M. X. *Marcos teóricos e metodológicos para recepção de museus e exposições*. Revista Educação Patrimonial : Museus e arquivos, Ano I, n.I, [p.I-18], out., 2006. Disponível em : <http://www.educacaopatrimonial.com.br> . Acesso em 06/11/2006.
- DANCY, J. Epistemologia Contemporânea (trad.: Teresa Louro Pérez), Lisboa: Edições 70, 1990.
- ECO, U. A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica (tradução: Pérola de Carvalho). São Paulo: Perspectiva, 2001.
- FEYERABEND, P. *Contra o Método*. Portugal: Editora Relógio d'Água, 1997. ISBN: 9727081916.
- FEYERABEND, P. *Diálogos sobre o Conhecimento*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- FUNARI, P. P. A. “Considerações sobre o profissional de museu e sua formação” in *Arqueologia e Patrimônio*, Erechim: Habilis, 2007.
- HEMPEL, C. *Filosofia da Ciência Natural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- KUHN, Thomas. *Estrutura das Revoluções Científicas* (trad.: Boeira, Beatriz Vianna). São Paulo: Perspectiva, 2003.
- KUHN, T. *A Revolução Copernicana*. Coleção Perfil, Portugal: Edições 70, 1990. ISBN: 9724411257.
- LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (orgs.) *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento* (trad.: Octavio Mendes Cajado). São Paulo: Cultrix/Edusp, 1979.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia Estrutural* (trad.: Chaim S. Katz & Eginardo Pires). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- POPPER, K. R. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix; 1959.
- WITTIGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas* (trad.: Marcos G. Montagnoli). Petrópolis: Vozes, 1996.

*Complementar:*

BARTHES, R. Elementos de Semiologia (trad.: Izidoro Blikstein). São Paulo: Cultrix, 1972.

SAUSSURE, F. De, Curso de Lingüística Geral (trad.: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein). São Paulo: Cultrix, 2008.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Ciência, Divulgação Científica e Museus</b>	6º	68h	4T

## EMENTA:

A disciplina propõe refletir criticamente acerca da emergência e desenvolvimento dos museus como um dos contextos contemporâneos de divulgação da ciência moderna para o público em geral.

## BIBLIOGRAFIA:

*Básica:*

BARROS, Henrique L. O papel dos Museus de Ciência na Educação. In: **Seminário Educação em Ciências no Século XXI**. 13-14 fev. 1998. Brasília: CNPq/Cons. Britânico, 1998.

BRAGANÇA GIL, Fernando. Museus de ciência: preparação do futuro, memória do passado. Colóquio Ciências, **Revista da Cultura Científica**, n 3, p. 74, out./1988.

CASCAIS, António Fernando. Divulgação científica: a mitologia dos resultados. In: SOUZA, Cidival M., MARQUES, Nuno P. e SILVEIRA, Tatiana S. (orgs.) **A comunicação pública da ciência**. São Paulo: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003.

CHRÉTIEN, Claude. **A Ciência em Ação: mitos e limites**. Campinas: Papyrus, 1994.

CRESTANA, Silvério et al. (orgs.) (1998) Centros e museus de ciência, visões e experiências: subsídios para um programa nacional de popularização da ciência. São Paulo: Saraiva/Estação Ciência-USP.

GASPAR, Alberto. **Museus e Centros de Ciências** - Conceituação e Proposta de um Referencial Teórico. 1993. Tese (Doutorado em Educação) – FEUSP, São Paulo. Orientador: Ernst Wolfgang Hamburger.

GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997.

GONZALES, Maria Iracema. A divulgação científica: uma visão de seu público leitor. Orientadoras: Heloisa Tardin Christovão/Maria Nélida Gonzalez de Gómez. Rio de Janeiro, 1992. 143 p. Diss. (Mestrado) Ciência da Informação, IBICT/CNPq-ECO/UFRJ.

GUIMARÃES, Vanessa F. e SILVA, Gilson Antunes da. (orgs.) **Implantação de Centros e Museus de Ciência**. Rio de Janeiro: UFRJ, Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Educação em Ciência, 2002.

HISTÓRIA, CIÊNCIAS, SAÚDE - Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 12, n. Supl, p. 13-30, 2005.

JAPIASSU, Hilton. **O Mito da Neutralidade Científica**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

\_\_\_\_\_. **A revolução científica moderna: de Galileu a Newton**. São Paulo: Editora Letras & Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. **Desistir do Pensar? Nem Pensar!** Criando o Sentido da Vida Num Mundo Funcional e Instrumental. São Paulo: Editora Letras & Letras, 2001.

KUHN, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas. São Paulo: Perspectiva, 1993.

LATOUR, Bruno. (1994). *Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia*. Rio de Janeiro: Ed. 34.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. RJ: Zahar Ed., 1983.

LOPES, Maria Margareth (1997) *O Brasil descobre a pesquisa científica*. São Paulo: Ed. Hucitec.

LOUREIRO, José Mauro Matheus. **Representação e Museu Científico**: o instrutivo aparelho de hegemonia (ou: uma profana liturgia hegemônica). 2000. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ/ECO, Rio de Janeiro. Orientador: Heloisa Tardin Christovão.

\_\_\_\_\_. Museus de ciência, divulgação científica e hegemonia. **Ciência da Informação**, Brasília: IBICT, v.32, n.1, p. 88-98, jan./abr. 2003.

LOURENCO, Marta C. C.. *Museu de ciência e técnica: que objetos?* Dissertação (Mestrado) - Universidade Nova Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Departamento de Antropologia. Lisboa, 2000.

MARTÍNEZ, Eduardo. FLORES, Jorge. *La popularización de la ciencia y la tecnología: reflexiones básicas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997. 40 p.

MEADOWS, Jack. *El crecimiento de la popularización de la ciencia y la tecnología: un bosquejo histórico*. In: MARTÍNEZ, Eduardo, FLORES, Jorge (orgs.) **La popularización de la ciencia y la tecnología: reflexiones básicas**. Fondo de Cultura Económica, México, 1997.

MERTON, Robert K. *The Sociology of Science. Theoretical and empirical investigations*. The University of Chicago Press, 1973.

PEARCE, Susan M. (1992). *Museums, Objects and Collections: a cultural studie*. Washington: Smithsonian Institution Press.

PREWITT, Kenneth. In: MARTÍNEZ, Eduardo, FLORES, Jorge (orgs.) **La popularización de la ciencia y la tecnología: reflexiones básicas**. Fondo de Cultura Económica, México, 1997.

ROSSI, Paolo. (1992). *A Ciência e a Filosofia dos Modernos*. São Paulo: UNESP.

SILVA, Franklin Leopoldo. *Conhecimento e Razão Instrumental*. **Psicologia USP**, São Paulo, v.8, n.1, p. 1-14. 1997.

*Complementar:*

BAUDRILLARD, Jean. (1973) *O Sistema dos Objetos*. São Paulo: Ed. Perspectiva.

BERMAN, Marshall. (1986) *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia da Letras.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. *A pulsão romântica e as ciências humanas no Ocidente*. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. V. 19, n. 55. jun./2004.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

MANNHEIN, Karl. (1976) *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. (2001) *O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

\_\_\_\_\_. *O nascimento dos Museus brasileiros*. In: MICELI, S. (org.) (1989) *História das Ciências Sociais no Brasil*. V.I São Paulo: Idesp.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Tipologia de Museus</b>	2º	68h	4T
<p><b>EMENTA:</b></p> <p>Estudo aprofundado das diferentes tipologias de museus, seus conteúdos, especificidades e significados. Museus nacionais, museus de arte e história, museus de ciência e tecnologia, ecomuseus e museus de território, museus temáticos, galerias e novas tendências.</p>			
<p><b>BIBLIOGRAFIA:</b></p> <p><i>Básica:</i></p> <p>ARAUJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Orgs.). A memória do pensamento museológico contemporâneo. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.</p> <p>BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museologia e museus: princípios, problemas e métodos. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1997. (Cadernos de sociomuseologia, n. 10).</p> <p>CHAGAS, Mário. Museália. Rio de Janeiro: J.C. Editora, 1996.</p> <p>FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Orgs.). Museus – dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna. Belo Horizonte: Argymentvm; Brasília: CNPq, 2005.</p> <p>LOURENÇO, Maria Cecília França. Museus acolhem o moderno. São Paulo: EDUSP, 1999. 293 p., il. (Acadêmica, 26).</p> <p>PIMENTEL, Thaís Velloso Cougo (Org.). Reinventando o MHAB. O museu e seu novo lugar na cidade – 1993-2003. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto,</p>			

2004.

POSSAMAI, Zita Rosane; LEAL, Elisabete (Orgs.). *Museologia Social*, Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, UE, 2000.

*Complementar:*

CURY, Marília Xavier. Diversity and cultural tolerance: which is the role of the contemporaneous museums? ICOFOM Study Series. Monique: ICOM, ICOFOM, p. 57-60, 2002.

MATTOS, Yára et al. *Museu Nacional de Belas Artes*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1979.

MATTOS, Yára. *Museus, para que? Para quem? Síntese Histórica do Pensamento Museológico e suas Relações de Reciprocidade com a História das Idéias Pedagógicas – 300 AC – Séculos XIX e XX*. Ouro Preto: UFOP/ DETUR, 2006. (Apostila digitalizada para a disciplina Museologia).

SANTOS, Maria Célia T. Moura. *Reflexões museológicas: caminhos de vida*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2002. (Caderno de sociomuseologia, n. 18).

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Teoria da Ilustração Científica</b>	5º	51h	3T
EMENTA:			
Principais ilustradores da ciência. Princípios básicos e importância da Ilustração Científica.			
BIBLIOGRAFIA:			
<i>Básica:</i>			

FARIA, Miguel Figueira de. *A Imagem Útil. José Joaquim Freire (1760-1847) Desenhador topográfico e de História Natural: arte, ciência e razão de Estado no final do antigo regime.* Universidade Autônoma de Lisboa, 2001.

MORAIS, Rubens Borba de; Sérgio Milliet. *O Brasil de Debret.* Coleção Imagens do Brasil, volume 2. Belo Horizonte: Villa Rica Editoras Reunidas, 1993. 104 Gravuras  
*Complementar:*

EVANS, Anne-Marie and EVANS, Donn. *An Approach to Botanical Painting in watercolour.* Hannaford and Evans. Rutland, 1993.

KIPP Kathryn. *The Best of Flower Painting.* Cassell Publishers Limited. London, 1997.

PERÉNYI, Eleanor. *Nature Illustrated – Flowers, plants, and Trees 1550-1900* from The Collections of The New York Public Library. Text by Bernard Mctigne, curator of the Arents Collections and Keeper of rare Books. Harry N. Abrams, Inc., Publishers, New York 1989.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Numismática e Filatelia</b>	5º	34h	2T

**EMENTA:**

As coleções numismáticas e filatelia: a importância como veículo de comunicação e como representação da identidade e da memória. O desenvolvimento econômico e cultural da sociedade humana e suas relações com as estruturas simbólicas e de poder

**BIBLIOGRAFIA:**

*Básica:*

ALENCASTRO SALAZAR, Guilherme de. **As Oficinas Monetárias e as Primeiras Casas de Moeda no Brasil.** Recife, Editora Universitária, 1991.

AMARAL, José Vinícius Vieira do. **Moedas do Brasil. Vol. IV. Cupro, alumínio, aço inox, ensaios e provas.** São Paulo, 1991.

BARATA, Mário. **Ensaio de numismática e ourivesaria.** Rio de Janeiro, Pongetti, 1940.

TRIGUEIROS, Florisvaldo dos Santos. **Iconografia de Valores Impressos do Brasil.** Banco Central do Brasil. Brasília, 1979.

*Complementar:*

MARSON, Isabel. **Moedas e História do Brasil: de 1500 a 1889.** São Paulo, Empresa das Artes, 1989.

WILDBERGER, Arnold. **Julius Meili, Pai da Numismática Brasileira.** Salvador, UFB, 1982

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Armaria e Heráldica</b>	6º	34h	2T

**EMENTA:**

A Pré-Heráldica. Significado e importância da Heráldica. Diferentes espécies de armas. Regra fundamental da Heráldica. Formas do escudo defensivo. Esmaltes heráldicos e forros. Partições dos escudos. Os quartéis. As linhas dos escudos. As peças honrosas. As figuras heráldicas. Ordenações dos móveis. Móveis associados. A diferença na armaria. Campo indiviso. Escudo dividido em quartéis. Elmo. Cimeira ou timbre. Volante. Paquife ou lambrequim. Coronéis, coroas. Sustentáculos. Pavilhão e manto. Divisas. Troféus.

**BIBLIOGRAFIA:**

*Básica:*

RIBEIRO, Clovis. **Brasões e Bandeiras do Brasil.** São Paulo, 1933.

SANTOS, W. Baroni. Tratado de Heráldica. São Paulo, 1978.

*Complementar:*

BRAAMCAMP FREIRE, Anselmo, Armaria Portuguesa, Lisboa, c. 1917.

MARQUÊS DE ABRANTES, Introdução ao Estudo da Heráldica, Biblioteca Breve n° 127, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, 1992.

Disciplina	Período	Carga Horária	N° de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Museus e novas tecnologias</b>	7°	51h	3T

**EMENTA:**

Conceitos de museu e museologia; breve histórico da Internet; criação e gerenciamento de listas de discussão; visão geral sobre blogs, sistemas de redes sociais na Internet (orkut), tecnologias streaming, estações de rádio na Internet (e-Radio); envio de e-mails para muitos destinatários (mass-mailing); conceitos para criação e hospedagem de sites; linguagens comuns e programas de edição HTML (WYSIWYG); sistemas de gerenciamento de conteúdo (CMS); criação de domínios de Internet (DNS); criação e gerenciamento de fóruns (PHP).

**BIBLIOGRAFIA:**

*Básica:*

CARVALHO, Rosane M. R. de. As transformações da relação museu e público: as influências das tecnologias da informação e comunicação no desenvolvimento de um público virtual. 2005. 300 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - IBICT- Escola de Comunicação/UFRJ, Rio de Janeiro.

CASTELLS, M. (2002). A era da informação: economia, sociedade e cultura . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

LEVY, P. As tecnologias da Inteligência. O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro, Ed.34, 1993.

*Complementar:*

CUNHA, Murilo Bastos. Metodologias para estudo de usuários de informação científica e tecnológica. In: Revista de Biblioteconomia de Brasília, v.10,n.2,p.5-19,jul/dez. 1982.

DELOCHE, B. (2001). Le Musée Virtuel. Paris: Presses Universitaires de France.

FIONA, C. (2003). The Next Generation— ‘Knowledge Environments’ and Digital Collections. Consultado em 23 de Janeiro de 2004, em Museums and the Web: <http://www.archimuse.com/mw2003/papers/cameron/cameron.html>.

GIULIANO, G., Morgana C. & Stefania B. (2003). Make Your Museum Talk: Natural Language Interfaces for Cultural Institutions. Consultado em 23 de Janeiro de 2004, em Museums and the Web: <http://www.archimuse.com/mw2003/papers/gaia/gaia.html>.

GRIFFITHS, A. (2003). “Media Technology and Museum Display: a Century of Accommodation and Conflict”. Rethinking Media Changes. London: MIT Press, pp. 375-389.

Obs: A disciplina Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, caracterizada abaixo, consta na grade de optativas, sendo que os períodos para sua ocorrência estão condicionados à disponibilidade de oferta por parte da Faculdade de Letras desta Universidade.

Disciplina	Período	Carga Horária	Nº de Créditos (teóricos e/ou práticos)
<b>Língua Brasileira de Sinais</b>	Iº	68h	4T

**EMENTA:**

Conceituação e caracterização da Língua Brasileira de Sinais como fonte de comunicação e expressão do surdo. Estudo dos pressupostos teórico-históricos, filosóficos, sociológicos, pedagógicos e técnicos da LIBRAS. Sua utilização do sentido de contribuir para o reconhecimento dos direitos e competências dos surdos, como sujeito e cidadão.

**BIBLIOGRAFIA:***Básica:*

FERNANDES, Eulália. **Linguagem e surdez**. Porto Alegre: ArTmed, 2003.

KARNOPP, Lodenir. Literatura surda. In: **Educação temática digital**, Campinas, v.7, n.2, jun. 2006.

PEREIRA, M. C. da C. Papel da língua de sinais na aquisição da escrita por alunos surdos. In: LODI, A C. B. **Letramento e minorias**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

*Complementar:*

CAPOVILLA, F. C. e RAFATHEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira**, Vol. I e I: Sinais de A à Z. Ilustração: Silvana Marques. São Paula: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

FELIPE, T. A. **Libras em contexto**: curso básico, livro do estudante cursista. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos, MEC; SEESP, 2001.

KARNOPP, Lodenir. Língua de sinais e língua portuguesa: em busca de um diálogo. In: In: LODI, A C. B. **Letramento e minorias**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

LACERDA, Cristina B. Feitosa de. Um pouco de história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Cadernos Cedes**, ano XIX, Campinas, nº 46, setembro de 1998.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos**: aquisição de linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997

São consideradas **atividade complementares**, no âmbito do Curso de Museologia:

1. Oficinas com temas relacionados à Museologia e áreas afins;
2. Visitas Técnicas;
3. Participação em Seminários, Conferências, Simpósios, Mesas-Redondas e Congressos;
4. Produção Científica ou Artística;
5. Monitoria na UFPel;
6. Participação em Projetos de Ensino, Extensão, Pesquisa e Iniciação Científica.
7. Participação em Grupos de Estudos na UFPel ou em outras IES, desde que referendado pelo Colegiado do Bacharelado em Museologia.

Temas relevantes a serem observados nas atividades complementares:

- a. Informática aplicada a museus;
- b. Segurança em museus;
- c. Exposição em museus e afins;
- d. Educação em museus;
- e. Conservação e restauração de acervos museológicos;
- f. Marketing em museus;
- g. Turismo Cultural e museus;
- h. Biogeografia;
- i. Estado, políticas públicas e tecnologia no Rio Grande do Sul;
- j. Estatística;
- k. Ecoturismo e sustentabilidade;
- l. Economia em museus;

- m. Projetos museológicos;
  - n. Arquitetura e urbanismo em museus;
  - o. Desenho e expografia;
  - p. Elaboração de projetos;
  - q. Etnobotânica;
  - r. Transporte e acondicionamento de acervos;
  - s. Museu e inclusão social;
  - t. Economia de plantas e animais;
  - u. Novas Tecnologias no campo museológico;
  - v. Políticas públicas e museus;
  - x. Educação Ambiental.
-

## ESTÁGIO CURRICULAR

---

O Estágio curricular obrigatório é definido, segundo a Lei nº 11.788, de 25 de Setembro de 2008, como aquele “cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção de diploma”.

No contexto estrutural da grade curricular do curso de Museologia, encontrar-se-á no último semestre (8º), configurando-se como última etapa num ciclo de disciplinas práticas (Prática em Museus I, II, III e Estágio Curricular). Somará 12 créditos em um total de 204h semestrais.

Caracterizar-se-á por um maior aprofundamento das teorias debatidas a partir de suas aplicações segundo critérios de pertinência e adequação, tendo em vista tópicos específicos da atividade museológica.

A disciplina será ministrada por um professor que será responsável por:

- encaminhar pedido ao setor responsável da UFPel, para se firmar convênios com museus, centros culturais e correlatos, além de instituições culturais de caráter público ou privado;
- avaliar a adequação das condições oferecidas pela instituição concedente do estágio, no que se refere à contextualização teórico-curricular do curso, bem como ao processo formativo do aluno;
- elaborar plano de atividades<sup>7</sup> a serem cumpridas pelo aluno no decorrer do período de estágio
- orientar a produção do aluno no ambiente do estágio;

No que se refere à avaliação da disciplina:

---

<sup>7</sup>

Formulário em anexo

- cobrar relatórios – entregues em encontros periódicos em sala de aula – assinados pelo responsável por parte da instituição concedente em supervisionar o estagiário. Tais relatórios somados ao Formulário de Avaliação Final<sup>8</sup> serão instrumentos de aferição e contribuirão, dentre outros, para a constituição da média final dos alunos

No que concerne aos “estágios não-obrigatórios”, seu cumprimento deverá seguir – assim como descrito acima referente aos Estágios curriculares obrigatórios – as diretrizes estabelecidas na Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, bem como os parâmetros normativos referentes às responsabilidades do professor encarregado. Ressalva-se apenas, que tais estágios são de caráter facultativo e aleatório, e a carga horária cumprida pelo aluno será acrescida à regular e obrigatória.

---

<sup>8</sup>

Em anexo.

## TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

O Trabalho de conclusão de curso (TCC) consistirá de uma monografia em nível de graduação, a ser elaborado individualmente pelo estudante sob a orientação de um docente do Curso de Museologia da UFPel. Deverá abordar temas referentes às áreas da museologia, sendo elaborada segundo as normas vigentes da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Cada docente do curso terá uma cota máxima de alunos para orientação. Caberá ao aluno a iniciativa de procurar o orientador e este docente deverá encaminhar ao colegiado do curso o termo compromisso de orientação<sup>9</sup>. Será permitida co-orientação de um docente da UFPel ou outra IES, sempre quando solicitada pelo aluno e acordada com o orientador.

A avaliação da disciplina “TCC” será realizada por uma banca examinadora, composta por 2 membros, sendo eles o orientador e um docente indicado em comum acordo entre o orientador e o orientando. Na avaliação a banca considerará a redação final, adequação aos parâmetros científicos/acadêmicos e contribuição para a área de conhecimento.

Haverá apresentação oral do trabalho. O aluno disporá de 15 (quinze) a 20 (vinte) minutos para a defesa oral, perante a banca examinadora. Após a defesa, será permitido questionamento por parte de cada membro da banca. A nota da apresentação será atribuída por meio de consenso entre os membros da banca.

A nota final será obtida através de média ponderada, considerando os respectivos pesos de avaliação:

Nota do professor orientador – peso 4

Nota do professor avaliador – peso 2

---

<sup>9</sup> Em anexo

Nota da apresentação oral – peso I



## ANEXOS

---

### ANEXO I

#### **GRADE CURRICULAR DO CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA**

<b>SEM</b>	<b>CÓDIGO</b>	<b>DISCIPLINAS</b>	<b>C.H.</b>	<b>CR.</b>	<b>DEPTO.</b>	<b>PRÉ-REQ</b>
		<b>Obrigatórias</b>				-
<b>1</b>	<b>0720093</b>	Introdução à Museologia	68	4T	DHA/ICH	-
	<b>0720094</b>	Memória e Patrimônio	68	4T	DHA/ICH	-
	<b>0720122</b>	História dos Museus	68	4T	DHA/ICH	-
	<b>0720095</b>	Seminário Temático	68	4T	DHA/ICH	-
		<b>SUB-TOTAL</b>	<b>272</b>			
		<b>Optativas</b>				
	<b>1320185</b>	Leitura e Produção de Textos	68	4T	DLV/FL	-
	<b>0130403</b>	Língua Estrangeira Instrumental - Inglês	68	4T	DLE/FL	-
		<b>SUB-TOTAL</b>	<b>136</b>			

		<b>Obrigatórias</b>				
<b>2</b>	<b>0720054</b>	Introdução à Antropologia	68	4T	DHA/ICH	-
	<b>0720096</b>	Documentação Museológica	68	2T+2P	DHA/ICH	<b>0720093</b>
	<b>0720097</b>	Expografia I	68	4T	DHA/ICH	-
	<b>0110062</b>	Percepção Visual I	68	4T	DAV/IAD	-
	<b>0720098</b>	História da Cultura Ocidental	68	4T	DHA/ICH	-
		<b>SUB-TOTAL</b>	<b>340</b>			
		<b>Optativas</b>				
		Tipologia de Museus	68	4T	DHA/ICH	
	<b>0130399</b>	Língua Estrangeira Instrumental - Francês	68	4T	DLE/FL	-
		<b>SUB-TOTAL</b>	<b>136</b>			

<b>3</b>		<b>Obrigatórias</b>				
	<b>0720027</b>	Antropologia, Iconografia e Museologia	68	4T	DHA/ICH	<b>0720054</b>
	<b>0720099</b>	Conservação e Preservação I	68	2T+2P	DHA/ICH	-
	<b>0720100</b>	Expografia II	68	2T+2P	DHA/ICH	<b>0720097</b>
	<b>0110066</b>	Percepção Visual II	68	4T	DAV/IAD	<b>0110062</b>
	<b>0590140</b>	História Geral da Arte I	34	2T	DAC/IAD	
	<b>0750059</b>	Tecnologia da Informação	68	4T	Depto.Informát./IFM	-
	<b>0010031</b>	Botânica	51	3T	DB/IB	-
		<b>SUB-TOTAL</b>	<b>425</b>			
		<b>Optativas</b>				
	<b>0130414</b>	Fundamentos de Latim	34	2T	DLV/FL	-
	<b>0720101</b>	Acervos de Registros Sonoros	51	3T	DHA/ICH	-
		<b>SUB-TOTAL</b>	<b>85</b>			

<b>4</b>		<b>Obrigatórias</b>				
	<b>0720102</b>	Conservação e Preservação II	68	2T+2P	DHA/ICH	<b>0720099</b>
	<b>0720103</b>	Comunicação em Museus	68	2T+2P	DHA/ICH	-
	<b>0120011</b>	Arquitetura de Museus	68	4T	DAUrb/FAUrb	-
	<b>0590141</b>	História Geral da Arte II	34	2T	DAC/IAD	<b>0590140</b>
	<b>0720104</b>	História Geral do Brasil	68	4T	DHA/ICH	-
	<b>0590164</b>	Arte e Cultura Brasileira	68	4T	DAC/IAD	-
		<b>SUB-TOTAL</b>	<b>374</b>			
		<b>Optativas</b>				
	<b>0110077</b>	Arte Decorativa	34	2T	DAV/IAD	-
		<b>SUB-TOTAL</b>	<b>34</b>			

		<b>Obrigatórias</b>				
	<b>0110164</b>	Iconografia	68	4T	DAV/IAD	-
	<b>0720105</b>	Prática em Museus I	68	2T+2P	DHA/ICH	<b>0720096</b> <b>0720100</b>
	<b>0050068</b>	Zoologia	68	2T+2P	DZG/IB	-
	<b>0720116</b>	História da Ciência e Tecnologia	68	4T	DHA/ICH	-
<b>5</b>	<b>0720106</b>	História Platina	68	4T	DHA/ICH	<b>0720104</b>
		<b>SUB-TOTAL</b>	<b>340</b>			
		<b>Optativas</b>				
	<b>0050028</b>	Ecologia	34	2T	DAV/IAD	<b>0010031</b> <b>0050068</b>
	<b>0720107</b>	Numismática e Filatelia	68	4T	DHA/ICH	-
	<b>0050069</b>	Teoria e Prática da Ilust.Científica	68	4T	DAV/IAD	-
		<b>SUB-TOTAL</b>	<b>170</b>			

<b>6</b>		<b>Obrigatórias</b>				
	<b>0720108</b>	Prática em Museus II	68	2T+2P	DHA/ICH	<b>0720105</b>
	<b>0720123</b>	Gestão de Museus	68	4T	DHA/ICH	<b>0720105</b>
	<b>0720110</b>	Arqueologia e Acervos Museais	68	4T	DHA/ICH	-
	<b>0720111</b>	Ação Cultural e Educação em Museus	68	2T+2P	DHA/ICH	-
		<b>SUB-TOTAL</b>	<b>272</b>			
		<b>Optativas</b>				
	<b>0720112</b>	Armaria e Heráldica	34	2T	DHA/ICH	-
	<b>0790014</b>	Ciência, Divulgação Científica e Museus	68	4T	DHA/ICH	
	<b>0790013</b>	Metodologia da Pesquisa Científica	68	4T	DHA/ICH	
		<b>SUB-TOTAL</b>	<b>170</b>			

		<b>Obrigatórias</b>				
<b>7</b>	<b>0590144</b>	Arte e Cultura Latino-americana	68	4T	DAC/IAD	
	<b>0720113</b>	Prática em Museus III	68	2T+2P	DHA/ICH	<b>0720108</b>
	<b>0730080</b>	Epistemologia	51	3T		<b>0720116</b>
	<b>0720117</b>	Seminário de Projeto	68	4P	DHA/ICH	<b>0720108</b> <b>0720123</b>
		<b>SUB-TOTAL</b>	<b>255</b>			
		<b>Optativas</b>				
	<b>0110156</b>	Museus e novas tecnologias	51	3T	DAV/IAD	-
	<b>0710262</b>	Turismo Cultural	51	3T	DAT/FCD	-
	<b>0050070</b>	Paleontologia	51	3T	DZG/IB	-
		<b>SUB-TOTAL</b>	<b>153</b>			

8	0720118	TCC	136	8P	DHA/ICH	0720100 0720102 0720103 0720111 0720117
	0720119	Estágio	204	12P	DHA/ICH	0720113
		<b>SUB-TOTAL</b>	<b>340</b>			

		Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS <sup>10</sup>	68	4T	FL	
--	--	--	----	----	----	--

**TOTAL DE CARGA HORÁRIA DAS DISCIPLINAS: 3.638 h**

Disciplinas Obrigatórias: 2.618 h

Disciplinas Optativas: 952 h

**LEGENDA:**

T : Teórico

P: Prática

<sup>10</sup> Período de ocorrência condicionado à disponibilidade de oferta pela Faculdade de Letras - UFPel

## ANEXO II

### FLUXOGRAMA DO CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

S1	S2	S3	S4	S5	S6	S7	S8
Introdução à Museologia 04 cr.	Doc. Museológica 04cr.	Conserv. e Preservação I 04cr.	Conserv. e Preservação II 04cr.	Iconografia 04 cr.	Prática em Museus II 4cr	ArteCult.Latino-americana 04cr.	TCC 08cr.
Memória e Patrimônio 04cr.	Expografia I 04cr.	Expografia II 04 cr.	Comunicação em Museus 04cr.	Prática em Museus I 04cr.	Gestão de Museus 04cr	Prática em Museus III 04cr.	Estágio 12cr.
História dos Museus 04 cr	Introdução à Antropologia 04cr.	Percepção Visual II 04cr.	Arquitetura de Museus 04 cr.	Zoologia 04cr.	Arqueologia e Acervos Mus. 04cr	Epistemologia 03cr.	
Seminário Temático 04 cr.	Percepção Visual I 04cr.	História Geral da Arte I 02 cr.	História Geral da Arte II 02 cr.	Hist. dCiência e Tecnologia 03cr	Ação Cultural Educ. Museus 04cr	Seminário de Projeto 04cr	
Leitura e Prod. de Textos <b>(optativa)</b>	História da Cultura – Ocidental 04cr.	Tecnologia da Informação 04cr.	História Geral do Brasil 04 cr	História Platina 04cr.	Armaria e Heráldica <b>(optativa)</b>	Museus e novas tecnol. <b>(optativa)</b>	
Língua E. I. – Inglês <b>(optativa)</b>	Instrum. para Leit. – Francês <b>(optativa)</b>	Antrop, Iconografia e Museo. 04cr.	Arte e Cultura Brasileira 04cr.	Ecologia 2cr <b>(optativa)</b>	Ciênc. Divulg. Cient. e Museus <b>(opt.)</b>	Turismo Cultural <b>(optativa)</b>	
L. Bras. de Sinais LIBRAS <b>(optativa)</b>	Tipologia de Museus <b>(optativa)</b>	Botânica 03cr.	Arte Decorativa <b>(optativa)</b>	Numismática e Filatelia 04 cr <b>(optativa)</b>	Metodol. Da Pesq. Cient. <b>(optativa)</b>	Paleontologia <b>(optativa)</b>	
		Fund. de Latim <b>(optativa)</b>		Teoria e tecn. da Ilust. Cient. <b>(optativa) 4cr</b>			
		Acervos e Reg. Sonoros <b>(optativa)</b>					

## ANEXO III



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

PLANO DE TRABALHO

## ESTÁGIO CURRICULAR

**1. IDENTIFICAÇÃO**

Instituição museológica:.....  
 Departamento/Setor: .....  
 Local: .....  
 Avaliador:.....  
 Aluno-Estagário: ..... E-mail:.....  
 Professor-Orientador: ..... E-mail: .....  
 Período do Estágio: ..... Ano letivo de: .....

**2. TERMO ESTÁGIO CURRICULAR**

O Curso de Museologia da UFPel exige, para fins de obtenção dos créditos necessários para a titulação de Bacharel em Museologia, o cumprimento do estágio curricular em instituições museológicas ou instituições congêneres. O aluno-estagiário deverá estar devidamente matriculado no Curso de Museologia, no último período de sua formação, e sob a orientação de um professor do mesmo Curso. Os alunos-estagiários deverão ser supervisionados por profissionais qualificados, do quadro de funcionários da instituição, para os fins de orientação e avaliação dos mesmos.

**3. DATA E ASSINATURAS**

Pelotas, ..... de ..... de .....

\_\_\_\_\_  
Aluno-Estagário

\_\_\_\_\_  
Supervisor

\_\_\_\_\_  
Professor-Orientador

\_\_\_\_\_  
Coordenador do Curso de Museologia





## ANEXO IV



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

Formulário de Avaliação

## ESTÁGIO CURRICULAR

### 1. IDENTIFICAÇÃO

Instituição museológica:.....

Departamento/Setor: .....

Local: .....

Avaliador:.....

Aluno-Estagiário: ..... E-mail:.....

Professor-Orientador: ..... E-mail: .....

Período do Estágio: ..... Ano letivo de:.....

	10/9	8,9/7	6,9/5	4,9/3	2,9/0
<b>I – CONHECIMENTO TÉCNICO-CIENTÍFICO</b>					
<i>1 – Processamento Técnico-Científico do Acervo</i>					
a) Documentação					
b) Gerenciamento de informação					
c) Pesquisa					
d) Conservação					
d) Outros					
<b>SUB - TOTAL</b>					
<i>2 – Atividades Museológicas</i>					
a) Diagnóstico Museológico					
b) Plano de trabalho					
c) Campanha de aquisição de acervos					
d) Outros					
<b>SUB - TOTAL</b>					
<i>3 – Atividades Comunicativas</i>					
a) Planejamento e/ou execução de exposições museológicas					
b) Mediação de público					
c) Planejamento e/ou execução de atividades educativas					

d) Outros					
<b>SUB – TOTAL</b>					

	10/9	8,9/7	6,9/5	4,9/3	2,9/0
<b>II – COMPORTAMENTO FUNCIONAL</b>					
1 – Desempenho					
a)Desempenho de Atividades					
b)Assiduidade durante o Estágio					
c)Capacidade de iniciativa própria					
d)Outros					
<b>SUB – TOTAL</b>					
2 – Relacionamento Humano					
a)Com Funcionários					
b)Com o Público					
c)Ética Profissional					
d)Outros					
<b>SUB – TOTAL</b>					
<b>TOTAL</b>					

**Observações Gerais Responsável/Surpevisor**

Pelotas, de de .

Assinatura do(a) responsável/supervisor das  
atividades do estagiário

*- Carimbo do Responsável*

**2. OBSERVAÇÕES:**

1. Qualquer atividade que não conste desta tabela deverá ser colocada no item Outros
2. As avaliações referentes ao item I só deverão ser preenchidas no caso de execução durante o estágio.
3. O Sub – Total é o resultado da média aritmética das avaliações das atividades.
4. O Total é o resultado das médias aritméticas dos sub – totais.
5. Qualquer informação relativa ao cumprimento do estágio ou a presente tabela pode ser solicitada ao Professor-Orientador.
6. Qualquer outra informação relevante, concernente ao trabalho desenvolvido pelo estagiário, deve ser encaminhada em forma de anexo;

ANEXO V**TERMO DE COMPROMISSO DE ORIENTAÇÃO**

ALUNO:
TÍTULO DO PROJETO:

ORIENTADOR:
TITULAÇÃO:
DEPARTAMENTO/INSTITUIÇÃO:

Declaro, para fins de registro junto ao Colegiado do Curso de Bacharelado em Museologia, que aceito como meu orientando o aluno acima referido, comprometendo-me a orientá-lo no desenvolvimento do Projeto de Monografia indicado e na elaboração do seu Trabalho de Conclusão de Curso.

DATA:	ASSINATURA DO ORIENTADOR:
-------	---------------------------

